



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
COLEGIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

THIAGO SILVA DE FREITAS SANTOS

**PATERNIDADE PARTICIPATIVA:
uma discussão de gênero**

**Petrolina
2017**

THIAGO SILVA DE FREITAS SANTOS

**PATERNIDADE PARTICIPATIVA: uma discussão de
gênero**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia, pela Universidade Federal do Vale do São Francisco.

Orientador: Marcelo Silva de Souza Ribeiro.

**Petrolina
2017**

Santos, Thiago Silva de Freitas

S237p Paternidade participativa: uma discussão de gênero / Thiago Silva de Freitas Santos. -- Petrolina, 2017.

x, 74 f. : il. ; 29 cm.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus Petrolina, Petrolina-PE, 2017.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Silva de Souza Ribeiro.

Referências.

1. Pais e filhos (Psicologia). 2. Masculinidade (Psicologia). 3. Paternidade participativa. I. Título. II. Universidade Federal do Vale do São Francisco.

CDD 155.646

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas da UNIVASF.

Bibliotecária: Luciana Souza Oliveira CRB4/2178

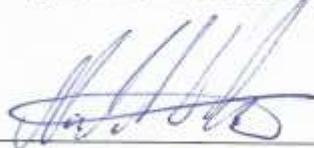
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
COLEGIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

FOLHA DE APROVAÇÃO

Thiago Silva de Freitas Santos

PATERNIDADE PARTICIPATIVA: uma discussão de gênero

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia, pela Universidade Federal do Vale do São Francisco



Marcelo Silva de Souza Ribeiro, Doutor em Ciências da Educação,
CPGPSI/UNIVASF



Luciana Duccini, Doutora em Ciências Sociais, CPGPSI/UNIVASF



Juliana Sampaio, Doutora em Saúde Pública, Departamento de promoção da
saúde/UFPB

Petrolina, 18 de dezembro de 2017 .

Dedico este trabalho a minha família, amigos que me auxiliaram nesse período de grande dedicação e a todas “Marias” que são diariamente silenciadas pela sociedade brasileira machista. A elas a minha solidariedade e apoio para a construção de mundo justo e sem violência.

AGRADECIMENTOS

Agradeço o apoio da minha família (irmãos, tias e tios, primas e primos) e especialmente a minha mãe Natércia pelo apoio, amor e suporte em todos esses anos.

Aos meus amigos que me ajudaram pacientemente a lidar com todas as dificuldades e felicidades desse processo de construção.

Ao meu amigo e orientador o professor Marcelo Ribeiro, que na caminhada dos últimos anos construiu um espaço de cuidado, acolhimento e por se lançar junto comigo nessa loucura e em outras que acreditamos ser importante para construção de nova sociedade.

Agradeço com muita alegria ao NUPIE (Núcleo de Estudos e Práticas sobre Infância e Educação Infantil) que me ajudou na minha construção como, pessoa e como mestre. Adicionalmente a professora e amiga Kátia Antas e a amiga Melina que foram o elo importante para meu ingresso no programa de mestrado.

Gostaria de agradecer a ACARI - Associação Civil de Articulação para a Cidadania que além de ser meu espaço de trabalho, acolhimento e amizade é uma instituição que presta grande serviço a sociedade brasileira e me auxiliou nesse processo de construção e desconstrução, tanto como pesquisador, tanto como pessoa.

Por fim, imensa gratidão e solidariedade ao povo brasileiro que vive um momento de retrocessos protagonizado por um governo não legítimo de valores machistas e homofóbicos. A esse povo que clama por uma construção de uma ciência que dialogue coma realidade social e esteja a serviço de uma construção de uma sociedade justa e solidária. A todas brasileiras e brasileiros meu profundo agradecimento.

E um homem não me define; Minha casa não me define; Minha carne não me define; Eu sou meu próprio lar (Triste, louca ou má - Francisco, El hombre)

RESUMO

Os estudos sobre masculinidade têm apresentado uma diversidade no exercício da masculinidade e paternidade. Por sua vez, eles são chamados de *Men's Studies* e tem sua importância para a ampliação da noção de gênero, assim como a compreensão da paternidade participativa. Esse modo de ser pai é definido como uma atitude de engajamento emocional e de cuidado da prole acima de outras atividades da vida. Dessa forma, buscando compreender melhor esse fenômeno, a dissertação em tela é produto de duas pesquisas: sendo a primeira um estudo bibliográfico que objetivou analisar os artigos publicados entre os anos de 2015 e 2016 e sobre como eles abordam a paternidade participativa numa discussão de gênero; e a segunda, buscou compreender o cuidado na relação pai e filho sob a ótica paterna. Assim, na constituição desta dissertação, o primeiro artigo foi desenvolvido a partir de um levantamento da literatura utilizando os descritores “paternidade”, “pai participativo” e “pai cuidador” nos idiomas Inglês, Espanhol e Português. Utilizaram-se as plataformas de pesquisa Scielo e Pepesic e foi encontrado após a seleção e exclusão da amostra, 17 trabalhos. Dentre todos os achados destaca-se que a caracterização da paternidade participativa não é clara nos artigos, mas percebe-se um aumento no número de estudos na área nos últimos anos. O segundo artigo, oriundo de uma pesquisa de campo, teve uma amostra de 04 homens entre 20 a 40 anos, todos lidos socialmente como participativos. Foi utilizada para seleção dos participantes a indicação via uma “denunciante”, a entrevista do tipo narrativa e a análise das práticas discursivas. Destaca-se como resultado a identidade masculina sendo questionada, a dificuldade desses homens em serem lidos pelos seus pares como homens, a experiência masculina no cuidado com as crianças e suas particularidades, a falta de uma definição firme sobre paternidade e a inexistência de espaços sociais para discussão e construção da paternidade. Por fim, ambos trabalhos indicam contribuições para os estudos de masculinidades, como o fortalecimento da compreensão do fenômeno e a utilização de metodologias pouco exploradas.

Palavras-chaves: Paternidade. Masculinidade. Paternidade Participativa.

ABSTRACT

Studies on masculinity have presented a diversity in the performance of masculinity and fatherhood. For your time, they are called Men's Studies and have your importance to the expansion of the concept of genre, as well as the understanding of fathering. This mode of being a parent is defined as an attitude of emotional engagement and care of offspring above other activities of life. In this way, seeking a better understanding of this phenomenon, the dissertation on the screen is the product of two research projects: the first being a bibliographical study that aimed to analyze articles published between the years 2015 and 2016 and about how they approach the fathering in a discussion of genre; and the second, sought to understand the caution on father-son relationship under the paternal optics. So, in the Constitution of this dissertation, the first article was developed from a survey of the literature using the descriptors "fatherhood", "participatory" and "father father caregiver" in English, Spanish and Portuguese. Used research platforms Scielo and Pepsic and was found after selecting and deleting of sample, 17 jobs. Among all the findings highlight that the characterization of fathering is not clear in articles, but an increase in the number of studies in the area in recent years. The second article, from a field research, had a sample of men between 20 to 40 04 years, all read socially as participatory. Was used for selection of participants the indication via a "whistleblower", interview of type narrative and your analysis for discourse analysis. Stands out as a result the male identity being questioned, the difficulty of these men to be read by their peers as men, the male experience in care with children and their particularities, the lack of a firm definition on fatherhood and the lack of social spaces for discussion and construction of parenthood. Finally, both indicate work contributions to the studies of masculinities, like strengthening the understanding of the phenomenon and the use of little explored.

Key-words: Fatherhood. Masculinity. Fathering.

Sumário

Apresentação	09
Artigo 1 - PATERNIDADE PARTICIPATIVA E GÊNERO: uma revisão bibliográfica	12
Resumo	13
Abstract	14
Introdução	15
Método	19
Resultados	20
Discussão	25
Referências	31
Artigo 2 - PATERNIDADE PARTICIPATIVA: compreendendo o cuidado na relação pai e filho sob a ótica paterna	34
Resumo	35
Abstract	36
Introdução	37
Método	44
Resultados	47
Discussão	56
Referências	63
Um olhar para além dos achados: uma discussão	65
Referências Gerais	70

Apresentação

Os estudos sobre masculinidade têm mostrado diversas outras formas de atuação masculina. Os ditos *Men's Studies* ampliaram as discussões de gênero, trazendo outras formas das manifestações da masculinidade (Silva, 2006). Mesmo com um número crescente de pesquisas nessa área, ainda existe um quantitativo baixo em relação a outros temas, o que por sua vez justifica esta dissertação com seus dois estudos sobre o tema. É claro uma assimetria no quantitativo de estudos sobre a participação masculina em relação à feminina no cuidado à criança (Viera & Souza, 2010). Sendo isso uma demonstração que a sociedade ainda compartilha do modelo de cuidado às crianças como único e exclusivo as mulheres. Vale ressaltar que muitos dos estudos sobre masculinidade e paternidade utilizam as mesmas metodologias não variando nas formas de investigação, sendo essa uma limitação. Desse modo, com um baixo quantitativo de estudos e a pouca variabilidade metodológica, esse tema ainda precisa ser devidamente explorado.

Cabe esclarecer que a família, paternidade e masculinidade são compreendidos como processos em movimento. A crise da família como instituição se manifesta pela fragmentação e o aparecimento de diversas formas e modelos (Warpechowski & Mosmann, 2012) a qual, nesta dissertação, não se compreende como crise, mas sim um movimento natural destas instâncias. As resistências às novas veredas familiares, masculinas e paternas são um movimento do patriarcado em relação a grupos minoritários que buscam um lugar de direito no jogo social.

Desse modo, esta dissertação pretende compreender sobre a paternidade participativa em dois estudos, sendo o primeiro uma revisão bibliográfica feita referente aos anos de 2015 e 2016 e uma pesquisa de campo que utilizou as práticas discursas

(Spink, 2010) com uma amostra de quatro pais lidos socialmente como participativos. Vale ressaltar que esse modelo de paternidade aqui é definido como uma atitude dos pais (homens) frente à criação dos seus filhos. Sendo esse comportamento priorizado em relação a outras áreas da vida, havendo nela um maior engajamento emocional com sua prole (Warpechowski & Mosmann, 2012).

O primeiro artigo desta dissertação foi feito utilizando os três descritores mais utilizados sobre tema na literatura que são “paternidade”, “pai participativo” e “pai cuidador” nos idiomas Inglês, Espanhol e Português. A investigação ocorreu nas plataformas de pesquisa Scielo e Pepesic por serem plataformas de amplo acesso. Assim, os resultados da pesquisa são diversos e conseguem dar uma boa compreensão sobre a paternidade participativa, sendo de grande suporte para o estudo de campo, que é o segundo artigo desta dissertação.

O segundo artigo objetivou compreender o cuidado na relação pai e filho sob a ótica paterna na atualidade, passando por identificar as divisões de trabalho na criação dos filhos por gênero, conhecer a relação pai e criança, assim como analisar a concepção de paternidade para esses pais. Tal pesquisa se deu em um município do Vale do São Francisco, onde todos os participantes eram residentes da região. Esse estudo teve apreciação do comitê de ética e sua execução só foi possível após sua aprovação. Os resultados trazem fortes contribuições sobre o tema, tanto por divergir de outras pesquisas como pela sua singularidade no método utilizado, via entrevista narrativa, análise das práticas discursivas e seleção dos participantes pela técnica da “seleção por denunciante”.

Por fim, ambas as pesquisas trazem contribuições para o tema proposto, instigando diversos questionamentos aos próximos estudos a serem realizados pelos

Men's Studies. Sendo essa mais uma contribuição ao tema. Assim, após essa breve apresentação, essa dissertação está organizada em formato de dois artigos, o sendo o primeiro uma revisão bibliográfica e a segunda um estudo de campo. Após, será finalizada com uma discussão que engloba os dois trabalhos.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
COLEGIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

THIAGO SILVA DE FREITAS SANTOS

**PATERNIDADE PARTICIPATIVA E GÊNERO: uma
revisão bibliográfica**

Orientador: Marcelo Silva de Souza Ribeiro.

**Petrolina
2017**

RESUMO

Ser homem e ser pai tem mudado, assim como o discurso e percepção desses dois papéis sociais. Mas, mesmo com diversas mudanças, a resistência do patriarcado ainda está presente resultando em um mal-estar e grande conflito a estes homens. Dessa forma, objetivou-se nesse trabalho analisar os artigos publicados entre os anos de 2015 e 2016 sobre como eles abordam a paternidade participativa numa discussão de gênero. Estes estudos denominados de *Men's Studies*, surgiram após os movimentos feministas e ampliaram os horizontes dos padrões sexuais, mostrando outras formas de existências de ser homem. Para alcançar o objetivo desse artigo, foi realizado um levantamento da literatura utilizando os descritores “paternidade”, “pai participativo” e “pai cuidador” nos idiomas Inglês, Espanhol e Português. Utilizaram-se as plataformas de pesquisa Scielo e Pepesic por serem plataformas robustas e de amplo acesso. Inicialmente foram encontrados 57 artigos entre as plataformas. Após exclusão de artigos repetidos, que não tratavam do tema paternidade participativa e não contemplavam o objetivo desse estudo restaram 17 trabalhos. Como resultados, percebeu-se que a caracterização da paternidade participativa foi presente em todos os artigos de forma implícita. Também ficou claro que os estudos sobre paternidade apresentam uma dificuldade de introduzir uma definição sobre o fenômeno da paternidade participativa e que a noção de paternidade tradicional ainda é a hegemônica. Por fim, percebe-se um aumento no número de estudos na área nos últimos anos, mas mesmo assim, é necessário ampliar o número de estudos na área e diversificar as metodologias de análise e investigação para assim se ampliar a compreensão do fenômeno.

Palavras- chaves: Paternidade. Masculinidade. Paternidade Participativa. Revisão Bibliográfica.

ABSTRACT

Be a man and being a father has changed, as well as speech and perception of these two social roles. But, even with several changes, the resistance of the Patriarchate is still present resulting in a malaise and great controversy to these men. Thus, the objective of this work to analyze articles published between the years 2015 and 2016 on how they approach the fathering in a discussion. These so-called studies of Men's Studies, emerged after the feminist movements and broadened the horizons of sexual standards, showing other forms of stock to be a man. To achieve the objective of this article, we conducted a survey of the literature using the descriptors "fatherhood", "participatory" and "father father caregiver" in English, Spanish and Portuguese. Used research platforms Scielo and Pepesic for being robust and wide access platforms. Were initially found 57 articles between platforms. After deleting repeated items that wouldn't treat the fathering theme and were not the aim of this study left 17 jobs. As a result, it was noticed that the characterization of fathering was present in all articles implicitly. It also became clear that the paternity studies present a difficulty to introduce a definition of the phenomenon of fathering and the notion of traditional fatherhood is still the hegemon. Finally, an increase in the number of studies in the area in recent years, but even so, it is necessary to enlarge the number of studies in the area and diversify the methodologies of analysis and research to be extended to understanding the phenomenon.

Key-words: Fatherhood. Masculinity. Fathering. Bibliographical Review.

A forma de ser homem e ser pai tem mudado, assim como o discurso e percepção desses dois papéis sociais. Autores afirmam que estas mudanças têm ocorrido na tentativa de superar a falência que o modelo tradicional causou (Vieira & Souza, 2010). Contudo, mesmo com diversas mudanças, a resistência do patriarcado ainda está presente resultando em um mal-estar e grande conflito a estes homens (Silva, 2006). O patriarcado é aqui compreendido como um sistema social que coloca os homens em soberania em relação as mulheres sendo esse sistema fruto do machismo e presente na nossa sociedade. Este estudo é guiado pelo questionamento de como os principais autores discutem a paternidade participativa numa perspectiva de gênero. Assim, o objetivo deste trabalho é analisar como os artigos publicados entre os anos de 2015 e 2016 abordam a paternidade participativa numa discussão de gênero. Para melhor compreendermos estes estudos, se faz necessário discutir os conceitos de masculinidade, família e paternidade.

É primordial compreender que as publicações sobre masculinidade têm mostrado diversas outras formas de atuação masculina. Os ditos *Men's Studies* ampliaram os horizontes dos padrões sexuais, mesmo com diversas críticas e ressalvas, mostrando outras formas de existências da masculinidade (Silva, 2006). Além disso, é suposto que a masculinidade entrou em crise pelo avanço dos movimentos feministas que também deram base a estes estudos.

A crise da masculinidade contemporânea se configura a partir de um conflito identitário vivido pelo homem. No nosso entender, esse conflito se constitui a partir de dois momentos distintos: primeiro, da tentativa de se manter um modelo de identidade de gênero hegemônico e, ao mesmo tempo, pluralista, ora baseado em modelos tradicionais ora em modelos

modernos de masculinidade, e segundo, a partir da impossibilidade de sustentar essa hegemonia no que se refere às subjetividades da maioria dos homens (Silva, 2006, p.121).

Do ponto de vista histórico, pelo menos para o legado do mundo ocidental e mais precisamente antes do Cristianismo, o ser masculino era visto como único e a mulher como o homem invertido. Após esse período, na era Cristã, homens e mulheres eram diferentes. Neste período o homem estava em situação superior às mulheres cabendo a ele todas as regalias sociais sem questionamentos. Este período se manteve até o surgimento de movimentos feministas, o qual deu lugar a ampliação da noção de gênero questionando o ser masculino e feminino na sociedade. Seria ingênuo considerar que houve um balanço nessa relação de poder, mas é válido reconhecer que atualmente as mulheres organizadas têm mostrado grandes questionamentos ao patriarcado possibilitando mudanças em instâncias da sociedade (por exemplo, a família) (Vieira & Souza, 2010).

Família, paternidade e masculinidade são compreendidos aqui em processo, em movimento. Estudos atuais tem mostrado este aspecto em relação à família onde a crise nessa instituição se manifesta pela fragmentação e o aparecimento de diversas formas e modelos (Warpechowski & Mosmann, 2012). Essa instituição, por sua vez, sai de um processo que antes era apenas biológico e se dinamiza para outros que tendem a surgir. Contudo, grandes resistências tem se firmado nesse embate, demandando compreensões a respeito das mudanças históricas ocorridas.

Adentrando a construção histórica sobre a paternidade e família, na Roma antiga era dado ao homem o poder de se autointitular quando este adotava publicamente um filho. A filiação biológica não tinha valor social e nem significação para a criança, a menos que esse ato fosse seguido de afirmação pública da paternidade. Com o surgimento do Cristianismo a paternidade adotiva foi desconsiderada, proibida em certo período, e imposta a obrigatoriedade da paternidade biológica. Atualmente, a sociedade civil organizada, em diversas partes do mundo, tem ampliado seus horizontes com o debate e buscando estabelecer a noção de família como direito na sua diversidade, o que pode ser compreendido como uma grande vitória já que amplia o lugar legal dado a estas pessoas (Cunico & Arpini, 2014). Roudinesco (2003) apresenta três períodos históricos da família: Inicialmente marcada pelo casamento arranjado como forma de repassar o patrimônio. Neste modelo, as pessoas não tinham direito a escolha do parceiro e a finalidade do matrimônio é exclusivamente para a perpetuação patrimonial. A segunda, a família romântica (família moderna) tinha como base o amor, o casamento e a comunhão. Após os anos 60 surge a família pós-moderna, que se caracteriza pela união entre indivíduos que buscam ter uma relação íntima, realização sexual e, em alguns casos, financeira, sendo nem sempre essa relação duradoura. Estas manifestações familiares tendem a coexistir, por mais que seus tempos históricos sejam diferentes. Assim, vale ressaltar que neste estudo serão levados em consideração as novas configurações da família, sobretudo o terceiro modelo descrito anteriormente.

Estudar o humano e suas instituições é um grande desafio. Além de sua complexidade de existência, tanto o homem quanto suas instituições tem se modificado na contemporaneidade em uma velocidade a qual muitos estudos não conseguem acompanhar. Essas mudanças ganham espaço na chamada modernidade líquida (Bauman, 2001) na qual, após a segunda metade do século XX, o homem e suas

relações passaram a ser percebidos como fluidas e passageiras. Em outras palavras, os movimentos culturais e subjetivos têm sido cada vez mais frágeis e consumíveis. Talvez o solo fértil para a ascensão dos diversos modos de ser homem e pai.

Neste contexto, podemos afirmar que os estudos têm ampliando e mostrado diversas formas de atuação masculina. Outro ponto importante é talvez uma espécie de “feminilização” do masculino efeito da ampliação na forma de ser homem e na possibilidade de mostrar com facilidade seus sentimentos e desejos (Silva, 2006). Vale ressaltar que quando usamos o termo “feminilização” reafirmamos o papel feminino descrito no modelo patriarcal. Até o momento não existe outro termo para tal descrição e por isso, neste estudo, iremos empregá-lo com ressalvas. A masculinidade é compreendida como construção social, ensinada e passada de geração após geração por meio de um conjunto de comportamentos e valores (Silva, 2006).

A masculinidade hegemônica, se faz necessário compreender que ela é uma “configuração de gênero que incorpora a resposta atual aceita para o problema da legitimidade do patriarcado, garantindo a posição dominante dos homens e a subordinação das mulheres” (Garcia, 1998, p. 46). Em outras palavras a masculinidade hegemônica é uma ferramenta do patriarcado para garantir a manutenção da soberania masculina. Contudo, um conceito contra-hegemônico denominado paternidade participativa aponta para outras possibilidades do ser masculino, não soberano e fruto de um reajuste social após movimentos feministas. Essas masculinidades ainda estão em construção e a paternidade pode ser um gatilho para seu surgimento (Silva, 2006).

A identidade masculina e a paternidade como processos subjetivos estão em contínua construção tornando-se também fluídas e instáveis. Os modelos de masculinidade anteriormente vigentes (por exemplo, do pai reflexo da moral, do pai que

apenas contribui financeiramente, ou do pai distante (emocionalmente de seus filhos) hoje está mais presente nas trocas de afetos e participação na vida destas pessoas. A referência de masculinidade e família (do modelo patriarcal) tem se diluído e deixado o sujeito a mercê de outras referências ou sem referência aparente para o cuidado com o filho (Warpechowski & Mosmann, 2012). Neste sentido compreende-se a paternidade participativa como um gatilho para o desenvolvimento de uma masculinidade fluida e menos violenta. Por outro lado, é precoce afirmar que esta nova possibilidade seja exclusivamente um subproduto da modernidade líquida pois, mesmo na “marginalidade”, uma masculinidade menos machista e uma paternidade mais participativa já ocorriam anteriormente.

Neste contexto e com o objetivo de analisar publicações que abordam a paternidade participativa, temos a seguinte questão: O que os artigos discutem sobre a nova paternidade numa perspectiva de gênero?

Método

Foi realizado um levantamento da literatura utilizando os descritores “paternidade”, “pai participativo” e “pai cuidador” nos idiomas Inglês, Espanhol e Português. A investigação utilizou as plataformas de pesquisa Scielo e Pepesic por serem plataformas robustas e de amplo acesso. Inicialmente foram recuperados 57 artigos entre as plataformas. Após exclusão de artigos repetidos e que não tratavam do tema paternidade participativa restaram 30 trabalhos. Com a leitura total e fichamento destes artigos foi verificado que nem todos abordavam o tema gênero, ou a discussão de gênero previamente apontada na primeira leitura. Como tais materiais não contemplavam o objetivo desse estudo, foi então feita sua exclusão. Artigos que não abordavam diretamente a paternidade participativa incluída na discussão de gênero

foram excluídos. Finalmente, um total de 17 artigos foram selecionados para análise. Para ampliar a compreensão foram realizadas novas leituras, ampliação do fichamento e identificação da forma como os autores tratavam gênero.

Após leitura dos textos completos foi preenchida uma tabela de análise a qual indicou três classificações principais: o método utilizado (qualitativo, quantitativo ou artigo teórico); os principais resultados, de modo a entender de que forma os artigos apresentam seus resultados; e a qualidade da discussão de gênero, a qual pretende ascender o modo de compreensão dos estudos compreendem sobre o tema.

Dos 17 artigos, 10 estavam escritos em português, 4 em espanhol e 2 em inglês. Neste sentido foi percebido que os artigos na língua inglesa davam preferência sobre paternidade e desenvolvimento infantil, enquanto os estudos na língua latina davam prioridade sobre a discussão de gênero. Nos países de língua em espanhol, destacaram-se Uruguai e Costa Rica com um número crescente de artigos no tema paternidade. Costa Rica apresentou uma gama de artigos publicados sobre a masculinidade com destaque na discussão de gênero.

Resultados

Como anteriormente apresentado foram utilizadas três classificações principais. Estas classificações serão aqui entendidas como categorias, as quais surgem em meio ao objetivo geral dessa dissertação que é discutir paternidade participativa sob um olhar de gênero.

O primeiro trabalho a se destacar é “A paternidade e a parentalidade como questões de saúde frente aos rearranjos de gênero” (Ribeiro, Gomes & Moreira, 2015), publicado no ano de 2015. Este ensaio teórico destaca-se ao questionar se o Sistema

Único de Saúde (SUS) abre espaço para o cuidado masculino. Para os autores este sistema possui severas falhas em relação à saúde masculina e, em muitos casos, reduz à distribuição de preservativos. Com relação a discussão de gênero, o artigo traz dois pontos: paternidade e os arranjos de gênero; e paternidade como financiador (pai mantenedor) e também cuidador. Nestes dois pontos destaca-se a paternidade em movimento, contudo pelos próprios arranjos do patriarcado, a ideia clássica da paternidade ainda está inserida como a única forma de ser pai existente (Ribeiro & Cols, 2015).

Os estudos de Jager e Dias (2015), “A Paternidade na Percepção de Adolescentes de Classes Populares” e de Soares e Cols (2015), “Ser pai de recém-nascido prematuro na unidade de terapia intensiva neonatal: da parentalidade a paternidade” corroboram com o estudo anteriormente citado de Ribeiro e Cols (2015) no quesito de discutir a condição de ser pai nos arranjos de papel de gênero. Por outro lado estes estudos tem uma proposta metodológica diferente, o primeiro é um estudo longitudinal e qualitativo (Soares & Cols, 2015) e o segundo um estudo etnográfico (Ribeiro & Cols, 2015).

É necessário destacar que, por ser uma pesquisa longitudinal, o artigo de Soares e Cols (2015) é mais completo na percepção da relação de gênero dos participantes, pois destaca nos resultados a paternidade como gatilho para compreender o papel de homem e de mulher socialmente descrito. Em outras palavras a paternidade é abordada como reafirmação da estrutura patriarcal. Assim, os autores afirmam que, para os participantes, a divisão de atividades com base no gênero é bastante clara, onde os homens se responsabilizam pelo sustento e a mulher pelo cuidado com os filhos. Os pesquisadores sustentam que existe uma “crise” interna entre os participantes, de

trabalho e de participação familiar. Nos resultados é descrito que os participantes reconhecem que o trabalho é um empecilho para passar mais tempo com a família (o mesmo também foi encontrado em Soares & Cols, 2016). Estes estudos mostram que existe uma dificuldade dos participantes em engajarem ativamente na vida dos filhos por meio do cuidado direto. Algumas razões para isto são demanda de tempo no trabalho. Vale destacar que em ambas pesquisas a manutenção financeira é também uma forma de cuidado. Assim, é percebido que existe um conflito na identidade paterna entre ser o pai cuidador, aquele que está presente no cuidado com os filhos, e o pai mantenedor, que apenas mantém financeiramente a família.

Outro estudo é o “Abandono Afetivo: Afeto e Paternidade em Instâncias Jurídicas”, de Moreira e Tonel (2015). As autoras trazem a discussão de uma heteronormatividade compulsória, sendo esta a responsável pela construção de lugares específicos para homens e mulheres, com suas prescrições, funções, características e benefícios para o homem. Este estudo tem caráter qualitativo, destacando-se por ser a única que se aproxima com as práticas discursivas, com uma abordagem de análise arqueológica Foucaultiana (2005).

Moreira e Tonel (2015), assim como Aguirre (2015), também trazem a discussão de afeto como via de colocar limites na criança. Estes dois estudos apresentam o cuidado como vínculo entre a autoridade e parte da transmissão de valores. A lógica patriarcal está exclusivamente associada ao homem. Estes estudos afirmam que na sociedade patriarcal, mesmo com os pais participativos, fica a cargo do homem a transmissão de valores morais e a associação da ausência paterna com a justificativa para comportamentos de conflitos com a lei. Esta afirmação fica mais clara no estudo de Moreira e Tonel (2015), pois é objetivo das autoras discutir, arqueologicamente, a

articulação entre paternidade e criminalidade. Essa articulação se diferencia de Aguirre (2015) o qual, mesmo concordando na transmissão de valores fica na maioria das vezes a cargo do pai, o estudo objetivou investigar a prática de pais homossexuais na transmissão de valores para crianças.

O estudo de Aguirre (2015) com público homossexual corrobora com estudos os anteriormente apresentados afirmando que a paternidade está diretamente ligada ao sustento. Contudo ele supera os demais estudos ao mostrar que os novos arranjos familiares são coerentes com as transformações contemporâneas sociais, demonstrando que a própria noção de família tem modificado com o passar do tempo. O estudo amplia novas manifestações familiares e o escopo sobre o tema. Destaque ao número de pais homossexuais menor em relação ao número de mulheres.

Adentrando o cuidado paterno, Soares e Cols (2016) investigou o significado que o pai atribui ao cuidado do filho recém-nascido na Unidade de Terapia Intensiva Neonatal. Como também apresentado por outros estudos, está presente o conflito interno dos pais entre trabalho e cuidado. Também foi apresentado a dificuldade de contato físico com a criança no contexto de atenção intensiva a saúde, trazendo para muitos o significado de “inutilidade” à paternidade. Para Ribeiro e Cols (2015), a aproximação dos homens com os profissionais de saúde é precária. Pouca informação sobre a criança é apresentada aos homens em comparação a quantidade de informações ofertada às mães. Por outro lado, Soares e Cols (2016) destacaram que a postura dos pais investigados em relação a sua companheira muda de forma positiva na situação encontrada. Os autores reforçam o argumento que na sociedade patriarcal pouco é informado aos homens o cuidado sobre a criança. Isto pode ser explicado, de acordo os autores, pela atribuição aos pais de que estes estejam aptos ao cuidado. Este fato

também foi observado no estudo de Rêgo e Cols (2016). Em suma, os trabalhos concordam a atribuição ao masculino o papel social de incapacidade para o cuidado.

Foram encontrados dois artigos que trabalharam na análise de jornais e revistas, não diretamente com participantes. O estudo “Envolvimento paterno na mídia: publicações em revistas para pais e mães” de Bittencourt & Colls (2015) e o estudo “Cuidado e consanguinidade na atribuição de responsabilidades intergeracionais” de Finamori (2015), apesar dos objetivos distintos, utilizaram semelhante metodologia. O primeiro artigo, discutiu sobre uma paternidade emergente presente em revistas para discussão da infância. O estudo contempla a importância da participação paterna no cuidado ao filho. O segundo artigo seguiu outra linha de discussão e propôs problematizar o teste de DNA (ácido desoxirribonucleico) como fator para legitimação da paternidade, a paternidade não apenas desenvolvida pela convivência mas dependente de uma certificação.

Outros estudos trabalhavam com pais adolescentes (Oliveira & Cols , 2015; Segovia, 2015; Bermúdez, 2016; Corrêa & Cols, 2016). Estes trabalhos criticavam o foco de pesquisas apenas adolescentes mulheres. Este posicionamento é uma confirmação do modelo machista de paternidade, o qual apenas coloca a mulher como responsável. Outro ponto em comum presente nos resultados destes estudos foi o reconhecimento da paternidade em uma nova forma de ver e se reinventar como homem, além de todas as atribuições para este emergente papel social.

Bermúdez (2016) afirma que a paternidade é um dos gatilhos para remodelar a identidade de gênero, mas precisa ser articulado à políticas públicas afim de ampliar a discussão com o público masculino. Vale ressaltar que este artigo é o único que trabalha com adolescentes de forma teórica. Sua importância está nas diversas problematizações

as quais pesquisas práticas ainda não conseguem apresentar. Sua importância é trazer uma reflexão sobre a participação masculina no cuidado com as crianças, chamando a responsabilidade para a entrada do homem no ambiente doméstico..

Dois artigos não integraram diretamente com os demais (Herrera, 2016; Botton, 2015). O estudo da pesquisadora Botton (2015) abordava os papéis de gênero numa perspectiva pós-estruturalista por meio de uma revisão bibliográfica. Este estudo trouxe uma reflexão sobre a família burguesa e sua mudança no decorrer da história. Apresentou os agrupamentos familiares matrilineares (os membros da família se organizavam em torno da figura materna) no qual esta organização com o tempo passou a ser política econômica e monogâmica. A consequência deste processo foi a divisão de tarefas por gênero (Botton, 2015). O estudo de Herrera (2016) destaca-se pela reflexão sobre a carga horária desigual de homens e mulheres comparando o tempo de trabalho. Além disso, foi feita uma análise crítica sobre estudos de paternidade. O artigo se destaca por ser o único a trazer uma definição clara de patriarcado. A autora define patriarcado “um modelo em que o pai é uma figura autoritária e provedor e não uma figura envolvido em criá-los [os filhos] ou expressar afeto” (Herrera, 2016, p.132).

Em suma, apesar dos poucos artigos, as contribuições foram de suma importância para o desenvolvimento de pesquisas e políticas públicas sobre a paternidade. É possível supor que a pouca quantidade de artigos seja sintoma de um patriarcado vivo que até mesmo na ciência se firma e afirma na sociedade.

Discussão

Bastante presente nos *Men's Studies*, a paternidade participativa compreende ser aquela que, além de expressar a necessidade e o desejo de participar na criação de seus

filhos, é priorizada em relação a outras áreas da vida. Se caracteriza por um maior engajamento emocional em relação a atitude masculina na vida dos filhos (Warpechowski & Mosmann, 2012). Esta caracterização da paternidade participativa foi presente em todos os artigos de forma implícita. Outra definição persistente foi de “pai nutridor”, que configura-se como aquele em uma relação empática com os filhos e compartilha com a mãe a função de cuidar das crianças e atendê-las física e emocionalmente (Jablonski,1997). Embora o termo pai nutridor seja significativo o mesmo modo está superado pois faz referência aos modelos de paternidade mais tradicionais, no qual era exclusivamente do homem a função de sustento familiar. Por outro lado a função de cuidado e educação dos filhos ficava restrita à mulher,.

Os estudos sobre paternidade apresentam uma dificuldade de introduzir uma definição sobre o fenômeno da paternidade participativa. Dessa maneira, por meio de uma incisão nossa, mesmo não sendo o objetivo desse texto, pode-se refletir que essa dificuldade de apresentar a definição da paternidade participativa está ligada ao momento histórico e a ascensão de uma ciência cada vez mais impessoal a qual impede os pesquisadores uma maior incisão sobre os temas.

Conforme apresentado, a noção de masculinidade hegemônica ainda é presente. Esta masculinidade é bastante enrijecida e preenchida de práticas machistas. Destaca-se nos estudos o conflito entre a noção de ser homem e pai cuidador o qual apresenta a paternidade participativa em questão à masculinidade clássica, questionando valores e práticas (Ribeiro & cols, 2015; Jager & Dias, 2015; Soares & Cols, 2015; Moreira & Tonel, 2015). Contudo, também verifica-se uma paternidade participativa com uma função anteriormente já exercida de autoridade e transmissão de valores, o qual está presente nos moldes clássicos de ser pai (Moreira & Tonel, 2015). Tal situação traz um

questionamento que aqui não será aqui respondido: Seria a paternidade participativa uma reinvenção da paternidade ou um reagrupamento de práticas paternas? Sem pretender produzir respostas pode-se refletir que a participação paterna, mesmo que em menor grau, já é um movimento de reestruturação das relações de gênero (Vieira & Souza, 2010).

Todos os estudos apresentados aqui fazem parte dos ditos *Men's Studies*. Este tipo de estudo é bastante recente e crescente em publicações. O número de pesquisas neste campo tem crescido após a década de 1990, principalmente nos anos 2000 até os dias atuais. Em sua maioria estes estudos trazem a experiência paterna como foco, sua relação com o cuidado e sua atuação junto às questões de gênero (Vieira & cols, 2014). No entanto, Herrera (2016) reflete e contrapõe sobre este aumento na quantidade de publicações como uma afirmação do patriarcado que aqui será caracterizado uma “alegorização” recente sobre o fenômeno.

É necessário destacar que muitas pesquisas nesta área mostram o exercício da paternidade, de modo geral, compreendido como novo encargo social ainda fortemente vinculado à função de provedor material e moral da família. Mesmo com grandes mudanças, pesquisas tem apresentado um momento de transição e grandes conflitos entre o modelo tradicional e “outro mais atual, que abrange também as dimensões afetivas e de cuidado” (Vieira e cols., 2014, p.47).

Saltam os olhos o consenso entre os autores de que a experiência masculina na paternidade por mais que seja engajada difere da feminina, sendo em muitos casos, com início após o nascimento do bebê na continuidade da relação conjugal. Assim parece haver uma diferença marcante na experiência paterna mediada pela mãe (Golçalves & Cols, 2013; Oliveira & Cols, 2015; Segovia, 2015; Bermúdez, 2016; Corrêa & Cols,

2016). Por mais que tenhamos avanços, a presença masculina nas relações domésticas ainda é restrita (Warpechowski & Mosmann, 2012; Golçalves *et all*, 2013). Ademais, a experiência masculina de paternidade é singular porque inicia depois do nascimento à medida que a experiência feminina se inicia na gestação (Gabriel & Dias, 2011).

Para os futuros pais, o primeiro bebê marca uma transição importante em suas vidas. O bebê, totalmente dependente, transforma as pessoas e os relacionamentos em seu entorno. No entanto, outras funções e identidades de suas vidas deverão se ajustar a esse novo papel (Gabriel & Dias, p.257, 2011)

Mesmo em casos da Síndrome de Couvade, quando o homem apresenta sintomas físicos e psicológicos com relação à gravidez (como: enjoos, aumento do peso e mudanças de humor), a experiência paterna é única e distinta da materna. Além dos determinantes biológicos outro fator social é importante para construção dessa vivência que são a inexistência de espaços para o diálogo com esses homens sobre ser pai. Neste sentido, mesmo com avanços a sociedade patriarcal continua a ditar modelos que excluem a presença masculina no processo de gestação e regulamenta a atuação materna como algo natural (inerente à vontade pessoal das mulheres), criminalizando, por exemplo, situações como o aborto. Percebe-se assim, que ao homem é dada a “opção” de encargo social o qual muitos associam à paternidade. Por outro lado ainda predomina a maternidade vista naturalmente, sendo sua “obrigação como mãe” a criação dos filhos (Piccinini et all, 2004).

Alguns estudos discutem uma crise da masculinidade (Herrera, 2016). A “crise” da masculinidade surgiu em uma tentativa de suprir as necessidades exigida pós-modernidade. Neste contexto ora este homem precisa ser “duro” e apresentar comportamentos típicos másculos, ora ele precisa ser mais delicado e apresentar

comportamentos ditos femininos. Os papéis não dão mais conta da total configuração humana e assim esta identidade se desconstrói diariamente na tentativa de atender à grande demanda (Herrera, 2016; Botton, 2015).

Ser pai, assim como ser homem, demanda superar as referências anteriormente vividas. Isto não significa desconsiderá-las, mas buscar outras formas para além das quais ele viveu (Ribeiro & cols, 2015; Jager & Dias, 2015). A experiência paterna, entre outras coisas, significa retomar a experiência pessoal do sujeito na sua infância. Em linhas gerais o atual homem vivenciou um pai tradicional o que, por sua vez, pode ter contribuído para uma experiência pouco positiva. Isto seria uma das principais razões para mudança, para o surgimento de uma nova prática paterna. Embora tenhamos o entendimento de que a noção de paternidade participativa sirva como uma espécie de gatilho para a reconstrução da identidade de gênero e também da própria masculinidade, os estudos aqui abordados apresentam a paternidade participativa uma superação da paternidade tradicional (Gonçalves & Cols, 2013).

Outras formas de ser homem e pai tem se tornado visíveis. Em contraponto a resistência do patriarcado ainda está presente, resultando em mal-estar e grande conflito a estes homens (Silva, 2006; Ribeiro & cols, 2015; Jager & Dias, 2015; Soares & Cols, 2015; Moreira & Tonel, 2015). Mesmo com o aumento de pais participativos, se destaca que não existe grande variabilidade na amostra nos estudos brasileiros, em geral são universitários ou membros da classe média, o qual entende-se como limitação. As pesquisas sobre paternidade e masculinidade ainda ficam presas a discussões teóricas ou restringem a entrevistas narrativas com análise de conteúdo. Práticas discursivas, o qual é uma boa estratégia para investigar esse fenômeno, ainda não estão sendo utilizadas como método. Contudo, não cabe aqui avaliar os estudos sobre tal fenômeno, mas

refletir sobre elas. Refletir é uma função mais árdua e necessária para compreensão sobre todo o processo da masculinidade e paternidade (Piccinini et all, 2004; Warpechowski & Mosmann, 2012; Bermúdez, 2016; Corrêa & Cols, 2016).

Finalmente, é fundamental ampliar os estudos sobre o tema com outros públicos, diferentes regiões e outras metodologias. Percebe-se que nos estudos encontrados é comum utilizar entrevista narrativa e análise de conteúdo. Entretanto tal metodologia não consegue trabalhar profundamente todos a dimensão deste tema. Por exemplo, os discursos de pais participativos sobre suas práticas poderia ser contemplado e explorado. Recomenda-se também a pesquisa da paternidade em grupos gays e transexuais, tendo em vista o campo vasto para pesquisas que podem explorar e obter maior compreensão sobre a paternidade participativa.

Referências bibliográficas

- Bauman, Zygmunt(2003). *Modernidade Líquida*. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bermúdez, Mónica Solange De Martino. (2016). Padres adolescentes y jóvenes: debates y tensiones. *Revista Katálisis*, 19(1), 91-99. <https://dx.doi.org/10.1590/1414-49802016.00100010>
- Bittencourt, Isabella Goulart, Paraventi, Larissa, Bueno, Rovana Kinas, Sabbag, Gabriela Mello, Schulz, Maria José Louise Caro, & Vieira, Mauro Luís. (2015). Envolvimento paterno na mídia: publicações em revistas para pais e mães. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 15(2), 688-707. Recuperado em 16 de noviembre de 2017, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812015000200014&lng=es&tlng=pt.
- Botton, Andressa, Cúnico, Sabrina Daiana, Barcinski, Mariana, & Strey, Marlene Neves. (2015). Os papéis parentais nas famílias: analisando aspectos transgeracionais e de gênero. *Pensando famílias*, 19(2), 43-56. Recuperado em 16 de novembro de 2017, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2015000200005&lng=pt&tlng=pt.
- Corrêa, Ana Cândida Lopes, Meincke, Sonia Maria Könzgen, Schwartz, Eda, Oliveira, Adriane Maria Netto de, Soares, Marilu Corrêa, & Jardim, Vanda Maria da Rosa. (2016). Men's perception of the experience of parenting in adolescence: a bioecological perspective. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 37(1), e54692. Epub April 12, 2016. <https://dx.doi.org/10.1590/1983-1447.2016.01.54692>
- Cunico, S. D. & Arpini, D. M.. Não basta gerar, tem que participar?: um estudo sobre a ausência paterna. *Psicol. cienc. prof.* [online]. 2014, vol.34, n.1, pp. 226-241. ISSN 1414-9893. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932014000100016>.
- Espinoza Herrera, R. (2016). Una mirada al involucramiento paterno: participación de los hombres jefes de hogar de la Gran Área Metropolitana de Costa Rica en actividades de cuidado directo. *Estudios Demográficos y Urbanos*, 31 (2), 301-329.
- Finamori, Sabrina. (2015). Cuidado e consanguinidade na atribuição de responsabilidades intergeracionais. *Revista Brasileira de Ciência Política*, (18), 243-263. <https://dx.doi.org/10.1590/0103-335220151809>
- Gabriel, M. R., & Dias, A. C. G. . (2011). Percepções sobre a paternidade: descrevendo a si mesmo e o próprio pai como pai. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 16(3), 253-261. Retrieved December 07, 2015, from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2011000300007&lng=en&tlng=pt
- Garcia, Sandra Maria (1998). Conhecer os Homens a Partir do gênero e para além do gênero. In Arilha, Margareth; Ridenti, Unbehaum, Sandra G & Medrado, Benedito (orgs). *Homens e Masculinidades: outras Palavras*.

- Giraldo Aguirre, Sebastián. (2015). Práticas de paternidade de algunos varones gays de Ciudad de México. Entre tabúes y nuevas apuestas para su ejercicio. *Sociedad y Economía*, (29), 39-62. Recuperado en 16 de noviembre de 2017, de http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1657-63572015000200003&lng=es&tlng=.
- Gonçalves, T. R., Guimarães, L. E., Silva, M. da R., Lopes, R. de C. Sobreira, & Piccinini, C. A. (2013). Experiência da paternidade aos três meses do bebê. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(3), 599-608. Retrieved January 11, 2016, from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722013000300020&lng=en&tlng=pt.
- Jablonski, B. (1997). Paternidade Hoje: uma metanálise. In Silveira, P. *Exercício da Paternidade* (pp. 121-129). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Jager, Márcia Elisa, & Dias, Ana Cristina Garcia. (2015). A Paternidade na Percepção de Adolescentes de Classes Populares. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 35(3), 694-710. <https://dx.doi.org/10.1590/1982-3703000382014>
- Moreira, Lisandra Espíndula, & Toneli, Maria Juracy Filgueiras. (2015). Abandono Afetivo: Afeto e Paternidade em Instâncias Jurídicas. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 35(4), 1257-1274. <https://dx.doi.org/10.1590/1982-3703001442013>
- Moreira, Martha Cristina Nunes, Gomes, Romeu, & Ribeiro, Claudia Regina. (2016). E agora o homem vem?! Estratégias de atenção à saúde dos homens. *Cadernos de Saúde Pública*, 32(4), e00060015. Epub May 10, 2016. <https://dx.doi.org/10.1590/0102-311X00060015>
- Oliveira, Milene Maria Saalfeld de, Branco, Jerônimo Costa, Souza, Luciano Dias de Mattos, Silva, Ricardo Azevedo da, Lara, Diogo Rizzato, Mota, Denise Marques, & Jansen, Karen. (2015). Paternidade na adolescência: prevalência e fatores associados em uma amostra comunitária de jovens. *Ciência & Saúde Coletiva*, 20(11), 3487-3494. <https://dx.doi.org/10.1590/1413-812320152011.20702014>
- Piccinini, C. A. , Silva, M. da R. , Gonçalves, T. R. , Lopes, R. S. , & Tudge, J. . (2004). O envolvimento paterno durante a gestação. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3), 303-314. Retrieved January 13, 2016, from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722004000300003&lng=en&tlng=pt.
- Rêgo, Rita Maria Viana, Souza, Ângela Maria Alves e, Rocha, Tatiane Negrão Assis da, & Alves, Maria Dalva Santos. (2016). Paternidade e amamentação: mediação da enfermeira. *Acta Paulista de Enfermagem*, 29(4), 374-380. <https://dx.doi.org/10.1590/1982-0194201600052>
- Ribeiro, Cláudia Regina, Gomes, Romeu, & Moreira, Martha Cristina Nunes. (2015). A paternidade e a parentalidade como questões de saúde frente aos rearranjos de gênero. *Ciência & Saúde Coletiva*, 20(11), 3589-3598. <https://dx.doi.org/10.1590/1413-812320152011.19252014>
- Roudinesco, E. (2003). *A família em desordem* (A. Telles, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Zahar.

- Segovia, Jimena Silva, & Caro, Leyla Méndez. (2015). Ideales regulatorios sobre embarazo y maternidad en hombres y mujeres jóvenes del norte de Chile. *Sexualidad, Salud y Sociedad* (Rio de Janeiro), (21), 197-224.
<https://dx.doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2015.21.11.a>
- Silva, S. G. da. (2006). A crise da masculinidade: uma crítica à identidade de gênero e à literatura masculinista. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 26(1), 118-131. Retrieved January 19, 2016, from
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932006000100011&lng=en&tlng=pt.
- Soares, Rachel Leite de Souza Ferreira, Christoffel, Marialda Moreira, Rodrigues, Elisa da Conceição, Machado, Maria Estela Diniz, & Cunha, Adriana Loureiro da. (2015). Ser pai de recém-nascido prematuro na unidade de terapia intensiva neonatal: da parentalidade a paternidade. *Escola Anna Nery*, 19(3), 409-416.
<https://dx.doi.org/10.5935/1414-8145.20150054>
- Vieira, E. N., & Souza, L. de. (2010). Guarda paterna e representações sociais de paternidade e maternidade. *Análise Psicológica*, 28(4), 581-596. Acessado em 18 de junho de 2015, de
http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312010000400003&lng=pt&tlng=pt .
- Vieira, M. L. et al.(2014) Paternidade no Brasil: revisão sistemática de artigos empíricos. *Arq. bras. psicol.* [online]. Vol.66, n.2, pp. 36-52. ISSN 1809-5267.
- Vygotsky, L. S. (1991). *A Formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes.
- Warpechowski, A., & Mosmann, C. (2012). A experiência da paternidade frente à separação conjugal: sentimentos e percepções. *Temas em Psicologia*, 20(1), 247-260.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
COLEGIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

THIAGO SILVA DE FREITAS SANTOS

**PATERNIDADE PARTICIPATIVA: compreendendo o
cuidado na relação pai e filho sob a ótica paterna**

Orientador: Marcelo Silva de Souza Ribeiro.

**Petrolina
2017**

RESUMO

Pouco tem sido investigado no que diz respeito aos homens, na participação no cuidado com as crianças em relação às mulheres. Essa assimetria parece demonstrar que a sociedade ainda compartilha do modelo de cuidado às crianças único e exclusivo do sexo feminino. No entanto, com um conjunto de modificações no cenário contemporâneo surge um modelo diferente de paternidade: a paternidade participativa. Ela está ligada à presença masculina na relação com os filhos, sendo fundamental sua compreensão como algo recente na literatura e não necessariamente como um fenômeno. Nesse sentido, objetivou-se neste estudo compreender o cuidado na relação pai e filho sob a ótica paterna na atualidade, passando por identificar as divisões de trabalho na criação dos filhos por gênero, conhecer a relação pai e criança e analisar a concepção de paternidade para esses pais. Sendo utilizado o modelo de pesquisa proposto por Spink (2010) do encontro, o qual o pesquisador também é participante. Os participantes foram 04 pais (homens) moradores do Vale do São Francisco, com idade entre 20 a 40 anos, seguindo o padrão em pesquisas apresentadas em outros estudos. O “recrutamento” dos participantes foi desenvolvido, pelo o que chamamos de “seleção por denunciante”. Sendo esse último uma pessoa externa (em todos os casos mulheres) que fizeram a leitura desses homens como pais participativos. Todas as entrevistas foram áudio-gravadas, os nomes dos participantes e denunciantes foram trocados respeitando o sigilo dos mesmos. Os dados foram submetidas à análise das práticas discursivas (Spink, 2010) por ser a mais apropriada a esse modelo de pesquisa. A renda dos participantes variou entre 3 mil e 9 mil reais e em geral o nível de escolaridade das companheiras deles foi superior. Os resultados dizem em respeito à identidade masculina e a dificuldade desses homens em serem lidos pelos seus pares como homens. Além disso, a experiência vivida deles no cuidado com as crianças e suas particularidades, a definição de paternidade e a inexistência de espaços sociais para discussão e construção da paternidade. Por fim esse artigo trás diversas contribuições para os ditos *men's studies* (estudos de masculinidades) e sugere mais pesquisas sobre corpo masculino, espaços sociais para discussão da paternidade e a leitura social que esses homens recebem.

Palavras- chaves: Paternidade. Masculinidade. Paternidade Participativa.

ABSTRACT

About little has been investigated with respect to men, in participation with children towards women. This asymmetry seems to demonstrate that society still sharing model of care to children only and exclusively female. However, with a set of modifications in the contemporary scenario arises a different model of fatherhood: a fathering. She is linked to male presence in the relationship with the children, your understanding is important as something recent in literature and not necessarily as a phenomenon. In this sense, the objective of this study to understand the caution on father-son relationship under the paternal optics today, passing by identify the divisions working in child-rearing by genre, meet the parent and child relationship and analyze the concept of paternity for these parents. Used the search model proposed by Spink (2010) of the meeting, which the researcher is also a participant. Participants were parents 04 (men) inhabitants of the Vale do São Francisco, aged 20 to 40 years, following the pattern in research presented in other studies. The "recruitment" of the participants was developed, by what we call "whistleblower" selection. Being this last a foreign person (in all cases women) who made reading these men as parents involved. All interviews were audio-taped, the names of participants and whistle-blowers were exchanged while respecting the confidentiality of the same. The data were subjected to discourse analysis (Spink, 2010) for being the most appropriate to this search template. The income of the participants varied between 3000 and 9000 reais and in general the education level of their companions was superior. The results say in regard to male identity and the difficulty of these men to be read by their peers as men. In addition, the lived experience of them with children and their particularities, the definition of fatherhood and the absence of social spaces for discussion and construction of parenthood. Finally this article back several contributions to these men's studies (studies of masculinities) and suggests more research on male body, social spaces for discussion of parenting and social reading that these men receive.

Key-words: Fatherhood. Masculinity. Fathering.

É relativamente comum pesquisas sobre a participação feminina no cuidado às crianças, mas pouco tem sido investigado no que diz respeito aos homens (Viera & Souza, 2010). Essa assimetria parece demonstrar que a sociedade ainda compartilha do modelo de cuidado às crianças único e exclusivo das mulheres. Desta forma, o que instaura o processo investigativo, em particular a que embasa este artigo, surgiu após os resultados apresentados na pesquisa realizada como trabalho de conclusão de curso de graduação de Psicologia. Neste trabalho o pesquisador teve o objetivo de conhecer, por meio de histórias de vida, o discurso dos pais (de ambos os sexos) em uma creche. Como apenas mulheres se reconheceram sujeitos da pesquisa, o questionamento sobre o lugar e o papel da paternidade “saltou aos olhos” buscando compreender onde estão os homens neste processo.

A naturalização da maternidade dificulta a responsabilização do homem impactando, inclusive, nas pesquisas da área do desenvolvimento infantil. Neste campo de pesquisa ainda é privilegiada a relação materna, reforçando a segregação de gênero ao definir que esta atividade é uma das quase exclusivas funções femininas (Warpechowski & Mosmann, 2012). Poucos artigos discutem paternidade na relação de gênero. Foram encontrados trabalhos como o de Vieira e colaboradores (2014, p. 45,) que aborda “o novo pai que surge em função da redefinição da identidade masculina frente à emancipação feminina”. É certo que há falta de espaço social dado ao homem para o cuidado aos filhos e, dialeticamente, uma postura de não comprometimento e participação masculina neste processo dificultam pesquisas na área (Piccinini & Colls, 2004; Monteiro & Altamann, 2014). Alguns espaços são ofertados para auxiliar pais e mães na relação com seus filhos, mas mesmo assim parece que poucos pais (homens) se reconhecem como sujeito do cuidado. O projeto de extensão “Erê - Vamos brincar? Oficinas Lúdicas de Leituras”, da Universidade Federal do Vale do São Francisco –

UNIVASF, por exemplo, tem como um dos objetivos construir oficinas lúdicas de leitura em espaços públicos para as crianças, proporcionando a efetivação de espaços de aprendizagem assim como capacitar profissionais e pais na arte de contar histórias. Esse espaço foi criado pelo Núcleo de Estudos da Infância e da Educação Infantil – NUPIE (UNIVASF).

Diante do exposto e a título de apresentação, este artigo enreda nas questões que impulsionaram a investigação, entre elas “Como esse homem se engaja afetivamente com o seu filho?”, “Como se dá o cuidado enquanto engajamento?”, “No cuidado aos filhos, qual é a função do pai ou da mãe?”. No que concerne ao que pretendeu alcançar nesta pesquisa muito tem se perguntado sobre a experiência paterna, o engajamento emocional, mas pouco ou quase nada sobre a divisão de tarefas no cuidado com os filhos (Viera & Colls, 2014).

Na visão sistêmica a sociedade está em permanente movimento e suas relações em constantes interações e mudanças. Assim a definição de família, paternidade e maternidade, de acordo esta visão, tem estado em movimento. Estudos atuais tem mostrado esse aspecto, porém destacando crises nesta instituição, revelando fragmentação em certo modelo de família (tradicional) e a emergência de novas formas de famílias, de ser homem e ser pai (Warpechowski & Mosmann, 2012). Neste contexto e com a participação feminina no mercado de trabalho, o grande número de famílias monoparentais e a deslegitimação do patriarcado (Monteiro & Altamann, 2014; Viera & Souza, 2010; Sutter & Bucher-Maluschke, 2008), criam contextos propícios para as profundas e plurais mudanças da atuação masculina na paternidade.

É importante lembrar que a família, tal como conhecemos e os modelos que já floresceram foram e são criações históricas. A condição do pai, na Roma antiga, era

dada ao homem com o poder de se autointitular quando este adotava publicamente um filho. A filiação biológica não tinha valor social e nem significação para a criança, a menos que esse ato fosse seguido de uma afirmação pública da paternidade. Com o surgimento do Cristianismo a paternidade adotiva foi desconsiderada e até mesmo proibida em certo período, sendo então imposta à obrigatoriedade da paternidade biológica (Cunico & Arpini, 2014). Contudo, na atualidade, movimentos sociais e sociedade civil têm tentado reestabelecer o conceito de família com base em relações afetivas. Este contexto dispara o debate sobre a definição de família; apenas biológica (com fins reprodutivos) ou também afetiva (afetividade). Por fim, é destacado o movimento constante de construção e reconstrução dos modelos de família, justamente por emergir e submergir neste “mar da história”.

Roudinesco (2003) apresenta três fases na história da família. Inicialmente marcada pelo casamento arranjado como forma de repassar o patrimônio. Neste modelo as pessoas não tinham o direito à escolha do parceiro. A finalidade do matrimônio era exclusivamente de perpetuação patrimonial. Na segunda fase, predomina a família romântica (família moderna) com base no amor e casamento à comunhão deste processo. Após os anos 60, destaca-se a família pós-moderna composta da união entre indivíduos que buscam uma relação íntima, realização sexual e, em alguns casos, financeira, mas nem sempre duradouro. Este último modelo de família é o vigente e objeto de estudo neste artigo. Neste contexto não é apenas família, masculinidade ou paternidade que estão em movimento.

Na sociologia, especificamente com as obras de Bauman (2010), discute-se a existência de uma modernidade líquida. Nesta concepção, o termo líquido passa a caracterizar nossa época, pois segundo o autor toda a nossa criação após a segunda metade do século XX (descrita pelos historiadores como pós-modernidade) tem sido

percebida fluída e passageira. Em outras palavras, os nossos movimentos culturais e subjetivos têm sido cada vez mais frágeis e consumíveis. Assim, a identidade, como um processo intersubjetivo, cultural e em contínua construção (Vygotsky, 1991) atrelada com a sociedade de consumo, torna-se fluída e instável. Isto acaba por dificultar responder uma pergunta simples quando duas pessoas estão se conhecendo: “Quem é você?”.

Levando em consideração os livros literários, filmes, novelas ou qualquer outro material de produção cultural como representativo do pensamento da sociedade, percebe-se a diferença na relação entre pais e filhos. É cada vez mais comum a atuação masculina na educação, nas brincadeiras e em outras formas de interação. Este novo movimento apresenta-se em um tabuleiro político de questões de gênero, no qual discute e amplia o aumento de direitos para os sujeitos como a licença paternidade. Faz necessário definir gênero que por sua vez é uma construção social que normatiza e regulamenta a organização dos corpos e suas atuações (Monteiro & Altamann, 2014).

Autores afirmam que boa parte das mudanças na paternidade tem ocorrido pela crise da masculinidade, ou o fim desta. Revendo a literatura, o tipo de masculinidade discutido está associado ao modelo patriarcal que não permite uma criação de afeto entre pais e filhos (Warpechowski & Mosmann, 2012). A referência de masculinidade e família (no modelo patriarcal) diluiu e deixou o sujeito a mercê de outras referências ou sem elas necessárias à criação na relação com seu filho. Vale ressaltar, que toda esta mudança nos modelos familiares não tem ocorrido simultaneamente. Como já dito, existem diversos modelos de famílias sendo a sociedade e os espaços públicos palco de embates entre estas realidades. Conflitos entre os padrões anteriores e os novos estabelecidos. Grupos tentam reviver antigos padrões de família pela sua tradição, não

por suas consequências sociais. Grupos políticos trazem a definição de família exclusivamente entre homem e mulher (Warpechowski & Mosmann, 2012).

Com a miríade de modificações no cenário contemporâneo exposta anteriormente, surge na literatura uma paternidade participativa que está ligada à presença masculina na relação com os filhos. Aqui é necessária uma ressalva. É fundamental compreender a paternidade participativa algo recente na literatura e não necessariamente como um fenômeno. Os *men's studies*, impulsionados por estudos feministas, buscam compreender este fenômeno, aqui considerado fenômeno social (Warpechowski & Mosmann, 2012; Monteiro & Altamann, 2014).

Após a década de 1990, foi observado um número crescente de pesquisas especialmente nos anos 2000. Estes estudos trazem a experiência paterna como foco, sua relação com o cuidado e sua atuação junto às questões de gênero (Vieira & Colls, 2014). Vale destacar que a divisão de tarefas na criação dos filhos não recebe tanta atenção em termos de pesquisa, o que é um ponto importante para compreender as atividades de fato que estes homens se inserem.

Muitas pesquisas nesta área mostram que o exercício da paternidade, de modo geral, é compreendido como novo encargo social ainda fortemente vinculado à função de provedor material e moral da família (Vieira e colaboradores, 2014). Mesmo ocorrendo grandes mudanças, pesquisas têm apresentado um momento de transição e grandes conflitos entre um modelo tradicional e “outro mais atual, que abrange também as dimensões afetivas e de cuidado” (Viera e Colls, 2014, p.47).

A paternidade tem diversos modelos. O tradicional está ligado ao “pai mantenedor”, na qual sua função é o sustento. O segundo modelo é o “moderno”, sendo este responsável pela educação, moral e afetividade para com os filhos. Por fim, o

modelo “emergente” é aquele ativo e participativo em diversas esferas da vida domiciliar (Vieira & Colls, 2014). Com relação a este último modelo, não existe um consenso na literatura. Para alguns autores o “pai participativo” também pode ser considerado “nova paternidade”.

Autores como Ramires (1997) afirmam que o modelo da paternidade participativa é aquele em que o pai envolve-se na criação de seu filho e prioriza esta atividade em relação a outras áreas da vida (Ramires, 1997 citado por Sutter & Bucher-Maluschke, 2008). É consenso entre os autores que a experiência masculina na paternidade, por mais engajada que seja, difere da feminina. Em muitos casos esta experiência só inicia após o nascimento do bebê com a continuidade da relação conjugal (Warpechowski & Mosmann, 2012; Golçalves & Colls, 2013).

Mesmo com a Síndrome de Couvade, no qual o homem apresenta sintomas físicos e psicológicos com relação à gravidez, a experiência masculina é única. Com a falta de espaços para diálogo sobre paternidade em relação a quantidade de dados à maternidade, esta última ainda é tratada naturalmente e inerente à história pessoal dos sujeitos (Piccinini & Colls, 2004). Com os avanços, a sociedade patriarcal continua a ditar modelos que excluem a presença masculina deste processo e regulamenta a atuação materna como algo natural (inerente à vontade pessoal das mulheres) criminalizando situações como o aborto.

Dessa maneira, se faz necessário adentrar as fases da paternidade apresentadas na literatura. May (1982) sugere uma sequência específica no engajamento emocional paterno: a primeira é o período de suspeita da gravidez acompanhada de um grande impacto inicial até a sua confirmação, quando os pais podem experimentar reações de desconforto caso a criança não seja desejada; A segunda fase, pela ausência de sinais

físicos, os homens não vivenciam de forma clara com presença de distância emocional para com o feto; Na terceira fase, os homens vivenciam a gestação como real. Esta fase ocorre em geral no terceiro trimestre, mais próximo do nascimento, no qual o engajamento afetivo é mais presente com a proximidade do nascimento. O estudo em questão é uma análise do engajamento paterno durante a gestação. Outras pesquisas apresentam resultados que mostram a dificuldade dos homens se relacionarem com bebês antes do casamento (Vieira & Colls, 2014).

Adentrando ainda mais a experiência paterna, Houzel (2004) citado por Gonçalves e colaboradores (2013) propôs um triângulo conceitual para a compreensão para a experiência da paternidade composto pelo exercício, experiência e prática. O primeiro refere aos direitos e deveres no âmbito judicial. A experiência diz respeito aos aspectos subjetivos da paternidade, sendo este mais ligado à forma como o homem tornou-se pai, o que sente e seus discursos sobre tal condição. Por fim, a prática está ligada aos atos, comportamentos e interações afetivas na relação com a criança. Contudo, vale resaltar que a experiência paterna é algo distinto e pessoal e por mais que seja socialmente valorizado, não necessariamente significa que ele esteja afetivamente ligado à criança. Ele pode estar presente por um reconhecimento social e não por um engajamento emocional, fruto de suas experiências e histórias de infância e relações parentais (Gonçalves & Colls, 2013).

Assim, é necessário definir o cuidado, o qual é aqui compreendido como "um ato em relação ao outro e a si próprio que possui uma dimensão expressiva, precisando antes de tudo estar comprometido com o outro com sua singularidade, ser solidário com suas necessidades, confiando em suas capacidades" (Brasil, 1998, p.24). Vale ressaltar que esta definição está presente no "Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil", que embora parte de um contexto escolar adequa-se ao contexto familiar.

Dessa maneira, o objetivo geral deste estudo foi compreender o cuidado na relação pai e filho sob a ótica paterna na atualidade. Os objetivos específicos são: (a) identificar as divisões de trabalho na criação dos filhos por gênero; (b) conhecer a relação pai e criança; (c) analisar a concepção de paternidade para esses pais.

Método

O modelo metodológico deste estudo foi o de encontro. Este modelo é questionado por Spink (2010), Freitas (2002) que discutem “o falar dele ou sobre ele” (Freitas, 2002, p. 24) tão presente em pesquisas das Ciências Humanas. Estes autores sugerem um modelo de diálogo na pesquisa com o pesquisador sujeito ativo que dialoga com os participantes. Assim, o falar/conhecer/encontrar (Freitas, 2002) foi possibilitado pelo formato entrevista narrativa, questionando e instigando o cuidado dos homens aos filhos. Além disso, na entrevista narrativa buscou compreender o papel do ser homem no cuidado paterno. Vale ressaltar que este trabalho não preocupou em generalizar os resultados.

Os participantes foram 04 pais (homens) moradores da cidade de Petrolina, com idade entre 20 a 40 anos, seguindo padrão apresentado nas pesquisas (Vieira e cols, 2014). Para definição da quantidade de participantes, foram selecionados quatro a fim de garantir uma melhor análise das práticas discursivas (Spink, 2010). O critério de adesão era ser homem (CIS, ter identificação com seu gênero atribuído pelo nascimento), pai de um ou mais filho(s) ou filha(s), com idade de 0 a 10 anos. Além disso, eram requisitos estar casado, em união estável ou morar com a mãe da criança no momento da pesquisa. O critério de exclusão diz respeito ao envolvimento do participante em algum episódio caracterizado como violento na relação com o filho (violência psicológica ou física). Vale ressaltar que não foram aceitos pais em

relacionamentos homossexuais. Este critério é justificado na literatura pela socialização destes, assim como seus modelos parentais, diferentes dos homens heterossexuais (Segovia, 2015).

Para a execução da pesquisa inicialmente esses participantes foram selecionados por método “bola de neve”. Neste sentido, o primeiro era um pai que participou de oficinas lúdicas. Este fato caracteriza um homem que busca melhorar seu relacionamento com os filhos já apresentando um engajamento emocional.

No decorrer do processo da pesquisa outra forma de “recrutamento” dos participantes foi desenvolvida, o qual foi denominado “seleção por denunciante”. O denunciante foi pessoa externa à pesquisa que conhece um participante (em todos os casos, nessa pesquisa, foram mulheres) denunciando ao pesquisador a paternidade participativa. O contato com as denunciantes foi por meio de participação em eventos públicos (palestras, roda de conversas) sobre masculinidade ou paternidade participativa. Ao final da apresentação do tema, diversas mulheres apresentaram a seguinte frase: “Olha, meu marido é um bom pai” (denunciante *Amanda*), “Meu primo, é um homem que se difere dos outros, ele cuida e participa da vida dos filhos” (denunciante *Cássia*).

A importância do denunciante dá no reconhecimento e validação externa da prática participativa dos homens. Uma forma de garantir a devida participação foi por reconhecimento externo, pois na literatura ainda não existe um instrumento que avalie se esse homem é participativo ou não.

A pesquisa foi realizada na cidade de Petrolina, localizada no estado de Pernambuco, região do submédio do Vale do São Francisco. A cidade caracteriza-se como uma região híbrida, composta por pessoas de outras regiões e assim, múltipla em

sua cultura respeitando suas raízes sertanejas. As entrevistas ocorreram nas casas dos participantes, salvo duas pessoas que preferiram realizá-la no Centro de Estudos (?) e Pesquisas Psicológicas (CEPPSI) localizado nas dependências da UNIVASF.

Para a entrevista foram utilizadas perguntas sobre que contemplavam noção de cuidado para conhecer a relação de pais e filhos e, com isso, a concepção de paternidade. As perguntas foram áudio-gravadas. Também foi utilizado um diário de bordo para explanação ampla das experiências e vivências do pesquisador no ato da investigação. No áudio-gravação também foi possível rever o discurso para realçar detalhes e compor uma análise mais minuciosa e precisa. Com a gravação de voz foi possível perceber pausas, correções, indecisões quanto às palavras a serem utilizadas, ênfases e entonação na fala, entre outros indícios relevantes para a interpretação dos dados, por exemplo, desvios e contradições no discurso.

A pesquisa foi registrada com o código CAAE 54664616.6.0000.5196, e respeitou todos os requisitos éticos estabelecidos previstos na resolução 466/12 e a 510/16 do Conselho Nacional de Saúde (CNS). Após a seleção dos participantes, os mesmos foram contatados. Após esclarecimento e aceite dos procedimentos da pesquisa foi assinado o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE). O tempo médio das entrevistas foi de 30 minutos. Se faz necessário afirmar que todos os nomes dos participantes foram guardados em sigilo, e nesse artigo foi utilizado nomes falsos que não tem conexão com o nome real do participante.

As narrativas foram submetidas à análise das práticas discursivas (Spink, 2010). Uma vez que o discurso é constituído pela ideologia (um posicionamento sobre algum assunto), história e linguagem (o discurso em si), esta técnica de análise foi considerada a mais apropriada para a pesquisa. Neste contexto foi percebido o discurso composto

por um marco da história de vida do falante, e de sua percepção e relação com o mundo. Nessa análise foram elencados a partir dos sujeitos o “local” do discurso (De onde ele fala? Para quem ele fala?). Sendo assim, o foco desta análise estava nas relações de poder principalmente nas relações de gênero (Caregnato & Mutti,2006).

Vale ressaltar que a interpretação das entrevistas levaram em conta o processo histórico e outros fatores que, vistos de longe, não afetavam as narrativas das pessoas. Todo discurso tem um tempo histórico que precisa passar por um olhar mais profundo para sua compreensão (Spink, 2010).

Resultados

Dos entrevistados, dois participantes tinham um filho de até dois anos, um participante tinha um filho de 10 anos e sua companheira grávida, e um participante tinha dois filhos de 05 e 09 anos. As crianças em idade escolar estudavam na rede privada de educação. Estas crianças não apresentava deficiência ou necessidade de cuidado especial até o momento da entrevista.

Metade dos participantes tiveram ensino superior completo. A renda variou de R\$ 3.500 a 9.000 reais. Em geral todos os participantes tiveram contato com seus pais tradicionalmente, com pouca participação destes na dimensão do cuidado e apenas suporte financeiro. Majoritariamente o nível de escolaridade das companheiras foi superior aos homens participantes. A atuação das companheiras foi primordial, pois estas fizeram a leitura dos participantes como pais participativos, ou por outra pessoa mais próxima. Neste sentido as denunciante tiveram um papel essencial no acesso destes participantes possibilitando uma estratégia de diálogo com eles.

Na amostra denunciante a primeira, *Amanda* irmã de *Cícero*, entrou em contato com o pesquisador após uma palestra. Na oportunidade *Amanda* expôs seu interesse na pesquisa:

Meu pai não era assim, é uma pena, eu poderia ser hoje uma pessoa diferente, minha mãe também seria uma pessoa diferente, ela [a mãe dela] acha um absurdo meu irmão cuidar da casa ou ter largado o trabalho para ficar com filho, ela sempre diz assim ‘nessa família, as mulheres são macho e os machos são fêmeas’. Eu sempre achei isso errado sabe, o *negocio* dele não vai cair por lavar um prato ou trocar a fralda do menino [...] (*Amanda*, denunciante).

De acordo o exposto acima, a denunciante se comoveu com o lugar social do irmão visto pela sociedade um pai participativo, porém associado ao estigma de inferioridade. Vale ressaltar que *Amanda*, mediadora no contato com *Cícero* (participante), não esteve presente no ato da entrevista. A conversa com *Cícero* ocorreu em sua residência após este ter deixado o filho na escola. Diversas vezes a entrevista foi remarcada por motivos de saúde da criança.

A segunda denunciante, *Bruna*, é esposa de *Daniel*, tem curso superior e soube da pesquisa por outra denunciante, *Glória*. *Bruna* já tinha contatado o pesquisador e procurou recomendar *Daniel*, pois, segundo ela, “ele se difere do pai [pai de *Daniel*], busca fazer tudo o que o pai não fez. Ele é pai, pai! Pai mesmo! É até mais presente do que eu (risos)”. *Bruna* e *Daniel* estão casados há 10 anos. Sua entrevista foi realizada no CEPPSI. A criança não estava presente na entrevista. Nas duas entrevistas que sucederam *Daniel* usou uma camisa escrita “super pai”.

A terceira denunciante *Cássia*, esposa do participante *Jean*, foi a única com mais de dois filhos no momento da entrevista. O caso de *Jean* foi marcado por sua relação

com o pai, ela pouco falou sobre o pai. Em sua fala, “meu pai batia muito em mim, chegava a espancar mesmo, era algo absurdo, e eu acho que isso acabou interferindo muito na minha busca do pai dos meus filhos”. Em outro momento *Jean* comentou:

Eu sei que nós dois somos privilegiados, tivemos educação [ambos têm ensino superior] mas tem também a nossa vontade, e a vontade dele de se reinventar, a família dele era bem tradicional, sabe... bem tradicional mesmo (*Cássia*, denunciante).

Fica claro em seu relato o exercício do esposo em se recriar como homem. Para a companheira, esse ato rompe com a educação patriarcal e tradicional da família; outra forma de ser homem.

A última denunciante, *Glória*, já conhecia a pesquisa e sugeriu o companheiro como participativo.

Eu achava que ele não iria conseguir participar da entrevista, nossa vida é bastante agitada e eu grávida acabo deixando muita coisa na mão dele... as vezes acho que em relação ao cuidado com o [nome da criança] ele faz muito e eu fico um pouco de lado (*Glória*).

Neste fragmento dois pontos podem ser levantados: o primeiro a participação como pai de *Jorge*, a segunda a auto cobrança da mãe por não estar presente a qual pode ser descrita como auto responsabilização do ser mulher.

Nesse momento do artigo serão apresentado os discursos dos participantes seguindo a mesma ordem de apresentação dos denunciante. Como exposto no método anteriormente, durante as entrevistas buscou compreender o cuidado na relação pai e

filho, identificar as divisões de trabalho no cuidado com a criança, e analisar o sentido de paternidade.

Cícero teve sua participação marcada por uma paternidade emergente na brincadeira e na companhia com a criança. Segundo ele, a primeira palavra que a criança disse foi *tae* o qual significa pai, e isso foi bastante marcante para ele. Além disso, no discurso do participante, foi percebido o foco na autonomia da criança, em buscar que faça por si mesma as atividades. “Meu pai me dava tudo, e isso não me ajudou em nada [...] nem terminar os estudos eu terminei”. Também destaca neste caso, o fato deste ter abandonado o trabalho para cuidar da criança em seu primeiro ano de vida. Isto foi associado pelo entrevistado como participação efetiva. Contudo, o mesmo afirma que “a única coisa que fica com ela, é o banho e a comida. Mas a brincadeira é comigo”, o qual dispara um questionamento de até que ponto isto se caracteriza como participativo. Além disso, quando questionado sobre a definição de paternidade *Cícero* afirmou:

Rapaz... eu defino pai como o amigo protetor o cara que está ali para tudo. Para qualquer dificuldade que a criança venha a ter, adulto ou adolescente. Na vida dele toda. Por isso, quando você é pai você tem que pensar dez mil vezes antes de fazer alguma coisa. Porque aquilo ali pode prejudicar lá na frente, né? Até em termos da sociedade mesmo, você fazer algo errado, isso pode ser cobrado dele no futuro. Você é cobrado de mais, você tem contato com sobrinho, com filho dos outros, desde de pequeno? É bom de mais, só para tirar uma foto ali, uma horinha, agora quando é seu... muda tudo (*Cícero*).

Neste contexto o participante define o ser pai ligado ao sentido de presença e responsabilidade. Esta relação também foi apresentada por outros participantes desta pesquisa. Cabe aqui entrar no discurso do próximo participante, *Daniel*, o qual sua denunciante *Bruna* se destaca por um discurso mais rebuscado, mesmo sem formação acadêmica, trouxe uma narrativa além de noções básicas sobre a paternidade e com uma reflexão mais profunda sobre sua experiência com o pai:

Meu pai era caminhoneiro, pouco esteve em casa, participou muito pouco da minha vida. Não ouviu a primeira palavra que eu disse, mas ele foi um pai, mas não foi um pai como eu sou. Eu levo [nome da menina] para todos os lugares, seu eu não puder levar, eu não vou, não faz sentido uma vida sem ela. Isso ele perdeu, qual foi à primeira palavra que eu disse? Ele não ouviu, essas memórias eu estava perto, às vezes até mais que a mãe (*Daniel*).

Neste trecho o participante encena uma fala mais reflexiva sobre a ausência do pai, mesmo que esta ausência seja justificada pelo trabalho. *Daniel* trouxe uma crítica sobre sua relação com o pai, buscando avançar na relação com a filha. *Daniel* fala do próprio lugar de filho que não teve a presença paterna e com isso a ausência que quer suprir.

Em outros elementos do discurso de *Daniel* se destacam no questionamento sobre divisões de trabalho no cuidado com as crianças. De acordo com o entrevistado, sua resposta trás elementos de corpo masculino, o qual mesmo não sendo objetivo desse estudo, aqui será apenas citado. A dimensão de corpo masculino como limitante no cuidado com as crianças fica bastante claro quando o participante afirma que a única atividade que ele não consegue realizar é a amamentação.

Entendi o que você quis dizer! [risos]. A nossa única diferença é o peito, eu não tenho peito. E a mamadeira é diferente, quando ela dá o peito tem algo entre as duas que eu não entro que eu não participo, isso é delas. Eu sinto por não está lá (*Daniel*).

A dimensão e a limitação do corpo foram apresentadas com muita frequência no discurso. *Daniel* relata que sente falta, pois compreende que a amamentação é algo exclusivo da mãe. Por mais que ele alimente a criança e faça todas as atividades (banho, por exemplo), de acordo o participante o corpo masculino é limitado porque não amamenta. É importante ressaltar que a amamentação é uma experiência para além da nutrição e envolve estabelecimentos de vínculos. Apesar desses limites, ele afirmou que em certas situações sentiu grato por ser pai, em especial quando a criança encontrava-se em situação de medo. Para o entrevistado, “o bom é que ela me procura quando tem medo, isso para mim é gratificante, me sinto forte”. Aqui Daniel trouxe o sentido de força como parte da paternidade.

Diferente dos outros participantes, *Daniel* no seu discurso abordou a preocupação em nomear a criança, como segue abaixo:

Foi briga, eu escrevia num quadro e ficava junto a mãe pensando em decidir. [...] Eu passei noites sem dormir pensando como uma pessoa, bota o nome na outra pessoa, chega assim e bota! Eu conheço muitas pessoas que reclamam do nome, do próprio nome. E o nome é um papel que o pai e a mãe tem de maior responsabilidade. Até mais que tudo no mundo, é colocar o nome. Eu to dizendo, pois eu passei por isso, eu olhava assim e pensava “não tô sentindo o nome não”, ai no

final o nome saiu no espelho... Eu escrevia no espelho e o nome saiu
(*Daniel*).

A nomeação é um processo em Petrolina, PE, bastante típico do papel masculino. Além disso ocorre o fenômeno “beber o mijo da criança” caracterizado por “sair pra beber com os amigos em comemoração o nascimento do filho”. Contudo o participante dividiu a experiência de nomear a filha junto à esposa, respeitando também sua opinião. Em contraponto, o papel atribuído ao masculino na região, apesar de ressignificado, foi cumprido.

O terceiro participante, *Jean*, difere pouco do anterior. Sua fala é curta nas entrevistas e limitada a respostas objetivas. Contudo, em outras ocasiões, foi percebido ser comum seu comportamento, e isso não prejudicou a entrevista narrativa. Vale ressaltar que seu único horário disponível para entrevista estava compreendido no turno da noite. A entrevista ocorreu no mesmo horário em que as crianças foram dormir. Destaca-se também que a renda familiar foi a mais alta bem como o nível de escolarização. Mesmo assim, o entrevistado mostrou ser bastante parecido com outros participantes em suas funções paternas. Segundo *Jean* e sua esposa (a denunciante) o participante está presente em todas as atividades independentemente quais sejam. Em sua maioria ele é mais presente comparado à mãe nas atividades corriqueiras como levar para escola, dar banho e atividades escolares. *Jean* destaca dos outros pais ao trazer a definição de que pai é amor, ordem e também rigor. Para o entrevistado, “pai é aquele que cria e que educa. Eu sou amoroso, mas também exigente. A mãe dá folga pra algumas coisas, eu não. É diferente” (*Jean*). Dessa forma, para o entrevistado, essa ideia de ser pai não tem ligação com sua experiência de filho, pois seu pai era tradicional e sua única responsabilidade era a de provedor financeiro.

Quem fazia esse papel [de cuidado] era a minha mãe. O papel do meu pai era ensinar para a gente os valores, era trabalhar, como uma família patriarcal mesmo, e aquela pessoa de referência a valores, mas quem ensinou as questões afetivas mesmo foi a nossa mãe. [...] Quem brincava com a gente era a minha mãe, muito raro meu pai está nisso, pelo menos eu não me lembro. Eu tenho muito dele... mas tenho muito da minha mãe. Eu consegui juntar os dois, sabe. Sem ser do masculino ou do feminino. Mas eu pego muito da minha mãe, incentivar a estudar essas coisas, era a minha mãe (*Jean*).

Conforme exposto acima, Jean supera de modo latente o modelo patriarcal e tradicional da família. Para compreender o significado do masculino para *Jean*, exclusivamente neste caso, foi apresentada uma questão que abordasse a definição de masculinidade.

Então... no momento eu não sei construir bem isso na minha cabeça. Pois eu fui criado numa família que ser homem era ser o provedor da casa, chefe, assim né... Mas quando eu me vi adulto, e tendo uma família, eu não me vi com esse pensamento. Eu não sei de onde foi isso, se foi a formação escolar, de grupo de jovens da igreja, não sei onde peguei isso não. Mas quando eu quis formar uma família eu me vi diferente. Eu era de um grupo franciscano, então não faço parte dos grupos “bitolados” fiquei bem a frente disso. (*Jean*)

Assim a definição de masculino no sentido patriarcal ainda predomina. Por outro lado, este sentido não é mais hegemônico indicando avanços mesmo que singulares.

Com a análise, foi notado que ele fala do lugar de um homem que perdeu a sua referência hegemônica e está a se reinventar.

Finalmente, o último participante *Jorge*, parecido com *Jean* com relação à renda e nível de escolarização, trouxe a definição de paternidade vinculada ao lado afetiva. Quando questionado sobre seu relacionamento com o filho ele trás o seguinte discurso:

Eu sou muito companheiro dele, sei que eu distorci muita coisa, tem coisa que eu não quero passar pra ele, mas é impossível não passar, eu me dedico o melhor. Eu sei que posso está sendo prolixo, mas é mais ou menos isso, tem vezes que eu digo pra ele “isso é bizarro” e até falo “se sua mãe souber disso, você sabe que é errado” e assim, eu ainda passo meus defeitos pra ele, eu consigo me corrigir, pai é exemplo cara. E eu sou muito carinhoso com ele, eu beijo muito ele, eu não tive isso sabe. E ai penso “Meu Deus, como é diferente”. Eu sei que é complicado, e eu sei que eu passo muitos defeitos, mas eu tento melhorar a cada dia. Pai é exemplo e companheirismo (*Jorge*).

Nesta narrativa, uma definição se destaca: a de pai como parceiro (amigo), ao mesmo tempo em que dá exemplos e passa valores. Segundo o entrevistado, ele e sua companheira (denunciante) participam e é atuante em todos os momentos da vida do filho. Isso foi confirmado no momento da entrevista a qual só ocorreu quando a criança estava na aula de judô, pois era o único momento disponível. Adicionalmente, *Jorge* está em um momento de mudanças de valores justamente por estar vivenciando a gravidez de uma filha, o que pode estar implicando em ressignificações da masculinidade.

Tem a questão do machismo mesmo, como ela tá grávida agora, e vai ser uma menina [nome da menina] eu penso que tenho que desconstruir muito isso. Muita coisa eu passo pra o menino, de malandragem mesmo. E isso é um defeito. Eu tenho que ter um pouco mais de cuidado. (*Jorge*)

Mesmo à primeira vista o discurso presente tom contraditório pelo uso da expressão “malandragem”, atentamente compreende-se que ele, sendo protagonista social, reflete sobre a ação como algo errado e compreende a gravidez como uma nova oportunidade de mudança em sua identidade masculina e paterna. Apesar destas possíveis mudanças, o entrevistado reconhece que algumas divisões de tarefas permanecem estratificadas ou estão em fase de mudança, como o cuidado dispensado ao filho e a ele.

Olha, a gente divide muito [...] tudo muito dividido, até em termos de dia. Tem dias meus pra levar pra escola e dias dela. Agora, ela sempre assume mais funções de saúde. Até mesmo a minha, pois eu sou desligado, pra você ter ideia, eu não tenho tanta preocupação com as minhas vacinas e é ela que se preocupa, e me chama atenção. A ter o cartão do SUS o meu foi ela que lembrou. Agora, sempre que eu preciso, eu estou junto, eu levo para o médico, hospital essas coisas, mas quem acaba marcando é ela. Eu mesmo antes, só ia para o hospital passando mal, já bem mal mesmo, com ela que apreendi a me cuidar, sabe. Mas nem sei mesmo, se foi com ela ou com ele [filho], acho que um pouco dos dois. (*Jorge*)

Assim aparecem diversos elementos da masculinidade clássica, como a falta de preocupação à saúde que se limita ao papel da companheira. Contudo, em seu discurso é apresentado um alguém em ação, buscando movimento, transformação de sua identidade masculina. Alguém que está em busca de reinventar-se. Destaca-se assim a paternidade como uma espécie de gatilho para a mudança da masculinidade.

Discussão

Considerando os resultados expostos anteriormente, alguns elementos destacam-se para maior análise deste fenômeno. Para melhor compreensão e análise estes elementos foram divididos em categorias: (a) a identidade masculina e paterna, (b) a definição de paternidade, (c) a experiência paterna, e (d) os espaços para discussão e construção da paternidade.

(a) A identidade masculina e paterna

A identidade masculina contempla o ser homem, como ele identifica-se e compreende, e como é lido no jogo social vivenciando experiências, sobretudo em relação aos rompimentos e reconstruções. Faz aqui necessário discutir a definição paterna que os participantes trouxeram e como estas compreensões são constituidoras dos entrevistados. Após processo de definição esclarecido a voz foi dada à experiência masculina e paterna, retomando pontos de diferenciações, definições e discursos sobre a experiência.

O lugar do discurso dos participantes é transitório, de reinvenção da masculinidade, movimento, desconstrução da identidade. Desse modo, a masculinidade esbarra na identidade paterna num processo de mudança pelas próprias experiências deste homem. Ao discutir masculinidade cabe pensar o lugar em que se fala sobre o

fenômeno, pois é comum trazer a discussão de masculinidade para o ponto de vista branco e heterossexual (Gonçalves e colaboradores, 2013).

Para possibilitar uma masculinidade menos agressiva é fundamental trazer à tona os tipos de paternidades (Vieira e Cols, 2014) na análise dos participantes. Os entrevistados apresentaram um modelo de paternidade emergente que busca um contato mais íntimo com os filhos e filhas, participantes em diversas áreas da vida. Considerando o caso de *Cícero*, por exemplo, este tem uma participação nos momentos mais leves (brincadeiras) e sua definição de paternidade está vinculada à proteção. Na entrevista o entrevistado aponta “por isso, quando você é pai você tem que pensar dez mil vezes antes de fazer alguma coisa”. Também foi destacado nessa fala um rompimento com o modelo patriarcal, pois o pai engaja de forma afetiva nas divisões de tarefas (Warpechowski & Mosmann, 2012).

Considerando estas identidades processos tingidos pela cultura, podemos compreender que nenhum rompimento é feito totalmente com os modelos de identidades mais tradicionais. Cabe pensar sobre o termo “nova paternidade” comumente identificada na literatura (Monteiro & Altamann, 2014; Sutter & Bucher-Maluschke, 2008; Viera & Souza, 2010). Até que ponto ela é nova? A partir do que foi relatado nesta pesquisa, não existe um rompimento por completo assim como não temos evidências claras que apresentem a paternidade participativa como fenômeno exclusivo da pós-modernidade.

Destacaram-se também os discursos sobre o corpo masculino e identidade. *Jean* e *Daniel* se destacaram pelas compreensões das dimensões de corpo e do cuidado com os filhos. Vale destacar que para estes dois participantes o contato com o pesquisador foi maior, pois ambos proporcionaram uma significativa abertura de convivência

mesmo após período de coleta. Foi identificado que suas participações na vida das crianças superaram as companheiras. Uma espécie de diluição da masculinidade e da família patriarcal (Warpechowski & Mosmann, 2012). Este fenômeno atribui uma série de inseguranças para os homens. Na sociedade podem sofrer preconceito como relatado em uma das falas: “Meu irmão uma vez brincando, disse que sou meio veado, mas ele disse pelo motivo que passo muito tempo com a minha menina” (*Daniel*). Para os grupos de homens, estes homens são denominados *outsiders* (Veiga, 2017) o que compreendemos aqui como aqueles que estão de fora ou invasores. Mesmo este termo ser utilizado em questões sociais complexas (imigrações, por exemplo), faz necessário seu uso pelo lugar social que estão colocados. Em outras palavras, aqueles que mesmo reconhecidos homens não compartilham de todos os valores descritos pelo modelo patriarcal.

(b) Definição de paternidade

Cada participante traz, a seu modo, a definição de paternidade seja pela via da proteção, companheirismo, apoio ou outra. Contudo, todos convergem em uma ação para além da necessidade e do desejo de participar na criação dos filhos; Ela é priorizada em relação a outras áreas da vida, o que condiz com a literatura (Warpechowski & Mosmann, 2012). Em suma, uma síntese dos discursos dos homens sobre a paternidade é a de proteção e engajamento emocional. São ainda reconhecidas algumas limitações referentes ao engajamento corporal (amamentação e gestação).

A paternidade participativa, mesmo um rompimento com o modelo tradicional em termos de ações e comportamentos, parece agregar ações no cuidado com as crianças. Em outras palavras, se na paternidade tradicional a única função paterna era o sustento e transmissão de valores, na participativa tais ações do escopo paterno existem

e outras são adicionadas (por exemplo, cuidados com a higiene, nomeação dos filhos, etc). A nomeação das crianças nos moldes tradicionais é uma atividade exclusivamente masculina. Por outro lado, na participativa, os pais da pesquisa afirmaram ser uma atividade complicada e disparadora para ansiedade, o que é corroborado na literatura (Moreira & Tonel, 2015). Assim é possível refletir a paternidade participativa não rompendo necessariamente com a paternidade tradicional. É possível ocorrer uma reestruturação dos moldes antigos que causam ou são causa de um conjunto de mudanças “nas funções e nos papéis da família contemporânea [e que] não vêm acontecendo com a mesma frequência e intensidade em todas as famílias” (Warpechowski & Mosmann, p.248, 2012).

(c) Experiência Paterna

Sobre a experiência paterna, até mesmo pela dimensão biológica como mencionado pelos participantes, é diferente da materna. Entretanto não podemos afirmar que para todos os homens a paternidade apenas inicia após o nascimento do filho, como apontado na literatura (Warpechowski & Mosmann, 2012). Foi identificado nos discursos a dificuldade em nomear, a ansiedade em ver o rosto, as mudanças nos comportamentos alimentares, a preocupação como sinais de uma espécie de gestação masculina (Warpechowski & Mosmann, 2012; Golçalves e Cols, 2013).

O gatilho para a paternidade, diferente do apresentado na literatura (Ramires, 1997 citado por Sutter & Bucher-Maluschke, 2008), foi exposto por dois participantes quando mencionaram que o início de suas experiências paternas iniciaram antes do nascimento da criança. Aqui vale repensar o lugar que a literatura posiciona a paternidade e o cuidado com as crianças. É essencial uma reflexão sobre o exclusivo lugar feminino de cuidado muitas vezes oficializado pela ciência. Alguns rituais da

paternidade como a nomeação são atribuídos exclusivamente ao homem. O participante *Daniel* relatou que “muitos amigos meus não pensam nisso como problema, querem ‘beber o mijo’ do menino e só”. Esta situação retrata um comportamento típico da região.

Particularmente para *Daniel*, que afirma não consumir bebidas alcoólicas, este resolveu assumir uma experiência de nomeação da criança, porém considerada estressante. Segundo o entrevistado, “pedi [a pessoa do cartório] para eu escrever num papel, para não ter erro, eu tremia muito, suava bastante”. Neste sentido é perceptivo que a experiência estressante de nomeação revela um engajamento emocional distinto do modelo patriarcal uma vez que este ocorre de forma autoritária e pouco afetada. Tais relatos convergem com a literatura quando demonstram a “impossibilidade de sustentar essa hegemonia [masculina clássica] no que se refere às subjetividades da maioria dos homens.” (Silva, p121, 2006). Uma reinvenção dos processos paternos e masculinos em especial no cuidado com as crianças.

(d) Espaço social para construção da paternidade

Nenhum dos homens afirmou ter espaço social para discutir o cuidado com os filhos, dificultando possíveis orientações no processo educativo em relação à prole e confirmação de suas identidades masculinas. Expressaram ainda sentimento de desqualificação destes homens mais sensíveis promovendo afastamento de espaços sociais (e.g. grupos de futebol). Esta tensão de desqualificação do ser homem sensível encontra ressonância na literatura quando Monteiro e Altamann (2014) falam dos homens na educação infantil segregados ou desvalidados; Muitas vezes sua orientação sexual é questionada.

Vale ressaltar que existem espaços para atenção às mulheres. Isto é compreendido como uma validação do lugar do cuidado exclusivo a este papel, mas qual o lugar homens mais sensíveis ocupam? Mesmo não sendo o objetivo desta pesquisa, foi verificado nos discursos dos participantes a não existência de um lugar que corrobora em uma dificuldade para a reconstrução da masculinidade de forma geral. Viera & Souza (2010) apontam que a “participação masculina ainda é parcial e descontínua quando comparada às mulheres” (p.593). Tal situação é produto dos condicionantes sociais do patriarcado que delimita a paternidade a algumas ações. Entretanto, mesmo com a ausência de espaços para discutir a paternidade, a relação com mulheres mais instruídas sobre seus direitos pode ser um gatilho para a mudança da masculinidade. Isto não ocorreu com os ditos *men's Studies* os quais só foram possíveis após o crescimento e avanço dos movimentos feministas (Silva, 2006). Os dados apresentados nesta pesquisa, portanto, sugerem que o nível formativo das companheiras dos participantes refletem de alguma forma na construção de suas masculinidades. Por este motivo até que ponto as mulheres são responsáveis pelas mudanças da masculinidade?

Últimas palavras, mas nunca uma conclusão do tema

Mesmo com o predomínio de pesquisas sobre a participação feminina no cuidado à crianças, pouco tem sido investigado no que diz respeito aos homens (Viera & Souza, 2010). Este contexto justifica a importância de estudos que abordem a masculinidade e paternidade. Mesmo considerando que nenhuma pesquisa encerra o tema em si, alguns pontos importantes foram abordados neste artigo os quais podem contribuir com os *men's studies*. Alguns exemplos são as discussões sobre a identidade masculina e paterna como processo transitório e constituidor de novas relações sociais,

a(s) definição(s) de paternidade e, por fim, a ausência de espaços para discussão e recriação destas masculinidades.

Vale destacar, que mesmo não sendo objetivo deste estudo, uma reflexão mais aprimorada sobre o corpo masculino foi contemplada. Recomendamos futuras pesquisas que discuta o corpo masculino em especial o corpo dos pais participativos. Outra recomendação é o lugar social, ou a leitura social que estes homens recebem. É essencial refletir e lembrar que tudo que aproxima do feminino é violentado na sociedade patriarcal e, este estudo, buscou garantir a voz de um grupo que caminha contra uma corrente machista como processo de desconstrução das relações violentas. Relações que trazem prejuízos a todos, em especial as mulheres.

Referências

- Bauman, Zygmunt(2003). *Modernidade Líquida*. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar.
- Brasil, M. da E. (1998). Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil. Brasília: MEC/SEF.
- Caregnato, R.C.A; Mutti, R. (2006). Pesquisa Qualitativa: Análise de Discurso Versus Análise de Conteúdo. *Texto Contexto Enfermagem*, 15(4), 679-684. Florianópolis.
- Carvalho, I. C. M.. (2003). Biografia, identidade e narrativa: elementos para uma análise hermenêutica. *Horizontes. Antropológicos*. vol.9, no.19, p.283-302. ISSN 0104-7183.
- Cunico, S. D. & Arpini, D. M.(2014). Não basta gerar, tem que participar?: um estudo sobre a ausência paterna. *Psicol. cienc. prof.* vol.34, n.1, pp. 226-241. ISSN 1414-9893.
- Freitas, M. T. de A. (2002). A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. *Cadernos de Pesquisa*, (116), 21-39. Acessado em 27 de Janeiro de 2015, from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742002000200002&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S0100-15742002000200002.

- Gonçalves, T. R. , Guimarães, L. E. , Silva, M. da R. , Lopes, R. de C. S. , & Piccinini, C. A. (2013). Experiência da paternidade aos três meses do bebê. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(3), 599-608. Retrieved January 11, 2016, from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722013000300020&lng=en&tlng=pt.
- Macedo, R. S. (2012). Etnopesquisa Implicada, Currículo E Formação. *Espaço Do Currículo*, v.5, n.1 (pp.176-183).
- May, K. A. (1982). Three phases of father involvement in pregnancy. *Nursing Research*, 31, 337-342.
- Monteiro, M. K. , & Altamann, H. (2014). Homens na educação infantil: olhares de suspeita e tentativas de segregação. *Cadernos de Pesquisa*, 44(153), 720-741. Acessado 16 de junho de 2015, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742014000300012&lng=en&tlng=pt. 10.1590/198053142824.
- Moreira, Lisandra Espíndula, & Toneli, Maria Juracy Filgueiras. (2015). Abandono Afetivo: Afeto e Paternidade em Instâncias Jurídicas. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 35(4), 1257-1274. <https://dx.doi.org/10.1590/1982-3703001442013>
- Piccinini, C. A. , Silva, M. da R. , Gonçalves, T. R. , Lopes, R. S. , & Tudge, J. . (2004). O envolvimento paterno durante a gestação. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3), 303-314. Retrieved January 13, 2016, from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722004000300003&lng=en&tlng=pt.
- Roudinesco, E. (2003). *A família em desordem* (A. Telles, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- Segovia, Jimena Silva, & Caro, Leyla Méndez. (2015). Ideales regulatorios sobre embarazo y maternidad en hombres y mujeres jóvenes del norte de Chile. *Sexualidad, Salud y Sociedad* (Rio de Janeiro), (21), 197-224. <https://dx.doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2015.21.11>.
- Silva, Sergio Gomes da. (2006). A crise da masculinidade: uma crítica à identidade de gênero e à literatura masculinista. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 26(1), 118-131. Retrieved January 19, 2016, from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932006000100011&lng=en&tlng=pt
- Spink, M. J. (2010). *Linguagem e produção de sentido no cotidiano: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais* Press.
- Sutter, C.; Bucher-Maluschke, J. S. N. F.(2008) Pais que cuidam dos filhos: a vivência masculina na paternidade participativa. *Psico*, Porto Alegre, v. 39, n. 1, p. 74-82.

- Veiga, Cyntia Greive. (2017). Crianças Pobres como Grupo Outsider e a Participação da Escola. *Educação & Realidade*, 42(4), 1239-1256.
<https://dx.doi.org/10.1590/2175-623664210>
- Vieira, E. N. , & Souza, L. de. (2010). Guarda paterna e representações sociais de paternidade e maternidade. *Análise Psicológica*, 28(4), 581-596. Acessado em 18 de junho de 2015, de
[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312010000400003&lng=pt&tlng=pt. .](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312010000400003&lng=pt&tlng=pt.)
- Vieira, M. L., Bossardi, C. N. , Gomes, L. B., Bolze, S. D. A., Crepaldi, M. A., & Piccinini, C. A. . (2014). Paternidade no Brasil: revisão sistemática de artigos empíricos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 66(2), 36-52. Acessado em 03 de agosto de 2016, de
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672014000200004&lng=pt&tlng=pt.
- Vygotsky, L. S. (1991). *A Formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes.
- Warpechowski, A., & Mosmann, C. (2012). A experiência da paternidade frente à separação conjugal: sentimentos e percepções. *Temas em Psicologia*, 20(1), 247-260.

Um olhar para além dos achados: uma discussão

Os *men's studies* são um inovação nos estudos de gênero. Tal feito se dá, pois esse tipo de pesquisas era exclusivo ao público que sofria a violência machista, sendo assim uma problemática para a compreensão mais ampliada das relações de gênero. É necessário destacar que após a crescente dos movimentos feministas os estudos sobre masculinidade tiveram seu lugar nas ciências humanas e sociais sem precedentes (Silva, 2006). Desse modo, para dar continuidade neste texto, se faz necessário destacar que a primeira pesquisa buscou analisar os artigos publicados entre nos anos de 2015 e 2016 e sobre como eles abordam a paternidade participativa numa discussão de gênero já a segunda pesquisa objetivou-se compreender o cuidado na relação pai e filho sob a ótica paterna na atualidade. Desse modo, a compreensão sobre as configurações de feminino

e masculino mudaram com o passar do tempo, saindo da ideia da mulher como ser inverso para uma ampliação dos padrões de gênero que temos hoje (Vieira & Souza, 2010). Contudo, como apresentado nos resultados em ambos os estudos essas mudanças ainda não são suficientes para garantir uma equidade de gênero, mas são avanços ao ponto que questionam a masculinidade hegemônica, e dentre elas, destacamos a paternidade participativa como uma mudança importante nas relações de gênero.

A paternidade participativa como apresentado nos dois estudos é aquela que, além de expressar a necessidade e o desejo de participar na criação de seus filhos, é priorizada em relação a outras áreas da vida. Sendo essa um maior engajamento emocional na vida dos filhos (Warpechowski & Mosmann, 2012). É necessário destacar que se tem uma ressalva em relação a essa definição, pois não se pode afirmar que na paternidade tradicional não havia um engajamento emocional, mas um *gap* entre essas duas paternidades são a intensidade nesse engajamento, assim como atitudes em relação a sua parceira. Deste modo, como visualizado nos dois estudos, esta conceituação não é apresentada de forma clara e sua nebulosidade dificulta ainda mais as pesquisas nesta área. Mesmo não sendo objetivo desta dissertação, houve um esforço em apresentar uma definição que se aproxima do fenômeno a qual é trazida por Warpechowski & Mosmann (2012). Contudo, cabe às futuras pesquisas buscarem uma definição mais apropriada para esse tema. É necessário ressaltar que no segundo estudo foi questionado aos participantes sobre uma conceituação de paternidade, contudo, não houve consenso entre os participantes sobre a definição desse fenômeno, o que pode ser entendido como uma falha no método em investigar um tema tão recente.

Dessa forma, como apresentado na pesquisa de campo, essas identidades masculinas são processos tingidos pela cultura, dando a compreender que nenhum

rompimento é feito totalmente com os modelos de identidades mais tradicionais literatura (Monteiro & Altamann, 2014; Sutter & Bucher-Maluschke, 2008; Viera & Souza, 2010). Tal achado também é encontrado no estudo de revisão (Ribeiro & cols, 2015; Jager & Dias, 2015; Soares & Cols, 2015; Moreira & Tonel, 2015), o que traz dois questionamentos, que precisa ser reforçado: Até que ponto a paternidade participativa é uma reinvenção da paternidade? Ou seria ela um reagrupamento de práticas paternais? Tais questionamentos não tem respostas nesta dissertação e nem foram o objetivo da mesma. Contudo, como apresentado no segundo estudo, foi identificado que a prática desses homens na vida das crianças superaram as companheiras, o que parece indicar uma espécie de diluição da machismo e da família patriarcal (Warpechowski & Mosmann, 2012). Tal situação se confirma quando os participantes afirmaram ter sua sexualidade questionada pelos seus pares, sendo essa uma reação (violenta) do patriarcado sobre a experiência da paternidade participativa.

Sobre a experiência paterna, na revisão bibliográfica foi encontrado um consenso entre os autores de que a experiência masculina na paternidade se difere da feminina, sendo em muitos casos, com início após o nascimento do bebê na continuidade da relação conjugal (Golçalves & Cols, 2013; Oliveira & Cols, 2015; Segovia & e Cols, 2015; Bermúdez, 2016; Corrêa & Cols, 2016). Contudo, o estudo de campo se destaca ao apresentar que os participantes passaram por diversas questões (como nomeação da criança, um excesso de preocupação com a parceira e etc.) as quais podem ser entendidas como uma espécie de gestação masculina. Dessa forma, mesmo compreendendo que a experiência vivida por um homem se difere de uma vivida por uma mulher, existe evidências apresentadas no estudo de campo que a paternidade se iniciou antes do nascimento das crianças para estes pais.

Acerca da leitura social desses pais e de suas experiências, destaca-se o papel das denunciantes, as quais foram de extrema importância para a execução da pesquisa. Elas fizeram a indicação dos participantes e a leitura se eles são pais participativos ou não, sendo assim trazendo então uma reflexão sobre o papel desses homens na vida delas. Vale ressaltar que nenhuma pesquisa, do estudo de revisão bibliográfica, utilizou essa metodologia, o que pode ser lido como um diferencial na construção de uma pesquisa social implicada com a realidade social, como afirma Spink (2010). Contudo, a leitura social nem sempre é concisa sobre o fenômeno e cabe aqui ser colocada em destaque. Tal situação se dá, pois no estudo de campo um participante foi excluído por ter sido protagonista num episódio de violência contra a sua companheira e seu filho, trazendo então o questionamento: Quais foram as características utilizadas pelas denunciantes? É necessário deixar claro que no processo de encontro com as denunciantes, todas foram instruídas previamente sobre a paternidade participativa características e perfil desses homens a fim de evitar ocorrer desencontro com o objetivo da pesquisa.

Diversos questionamentos saem ao final desses estudos, trazendo a necessidade de sugerir pesquisas sobre o lugar social da paternidade e os espaços para compartilhar as experiências sobre paternidade. Outro tema de pesquisa que também não foi encontrada na revisão teórica é sobre a representação sobre paternidade e masculinidade na literatura e nas revistas em quadrinhos, a qual pode ser uma boa forma de compreender as representações da masculinidade, tanto no mundo da literatura como para o público leitor dela. Além disso, destaca-se também a necessidade de variar metodologias, em geral no estudo de revisão bibliográfica e nos estudos que embasaram ambos os trabalhos, poucas pesquisas conseguiram sair do escopo de pesquisa com entrevista semiestruturada e análise de conteúdo.

Ambas as pesquisas presentes nessa dissertação, mesmo com suas dificuldades e limitações conseguem dar conta dos seus objetivos, mas nenhuma delas se propõe dar completude sobre o tema, pois se entende que na ciência nenhum tema consegue sanar suas investigações. Os dois estudos dessa dissertação tem limitações claras, tanto pelo tempo curto e a utilização de apenas duas plataformas de busca no primeiro estudo. Mas cabe aqui ressaltar que a pesquisa de campo buscou variar na sua metodologia, tanto utilizando análise das práticas discursivas (Spink, 2010), entrevista narrativa e o “recrutamento” dos participantes pelas denunciantes.

Assim, como apresentado a masculinidade por muitas vezes fica a mercê das investigações de gênero e quando é feito, os estudos não variam muito. Dessa forma trazemos a reflexão de qual maneira podem ocorrer modificações na sociedade patriarcal se não é estudado o homem na sua relação. É claro que o avanço das frentes feministas, toda uma sociedade obteve avanços positivos, mas ainda são necessários mais esforços nessa caminhada, e ela se dará com a participação de todos nesse processo.

Referências Gerais

- Bauman, Zygmunt(2003). *Modernidade Líquida*. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bermúdez, Mónica Solange De Martino. (2016). Padres adolescentes y jóvenes: debates y tensiones. *Revista Katálysis*, 19(1), 91-99. <https://dx.doi.org/10.1590/1414-49802016.00100010>
- Bittencourt, Isabella Goulart, Paraventi, Larissa, Bueno, Rovana Kinas, Sabbag, Gabriela Mello, Schulz, Maria José Louise Caro, & Vieira, Mauro Luís. (2015). Envolvimento paterno na mídia: publicações em revistas para pais e mães. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 15(2), 688-707. Recuperado em 16 de noviembre de 2017, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812015000200014&lng=es&tlng=pt.
- Botton, Andressa, Cúnico, Sabrina Daiana, Barcinski, Mariana, & Strey, Marlene Neves. (2015). Os papéis parentais nas famílias: analisando aspectos transgeracionais e de gênero. *Pensando familias*, 19(2), 43-56. Recuperado em 16 de novembro de 2017, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2015000200005&lng=pt&tlng=pt.
- Brasil, M. da E. (1998). Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil. Brasília: MEC/SEF.
- Caregnato, R.C.A; Mutti, R. (2006). Pesquisa Qualitativa: Análise de Discurso Versus Análise de Conteúdo. *Texto Contexto Enfermagem*, 15(4), 679-684. Florianópolis.
- Carvalho, I. C. M.. (2003). Biografia, identidade e narrativa: elementos para uma análise hermenêutica. *Horizontes. Antropológicos*. vol.9, no.19, p.283-302. ISSN 0104-7183.
- Corrêa, Ana Cândida Lopes, Meincke, Sonia Maria Könzgen, Schwartz, Eda, Oliveira, Adriane Maria Netto de, Soares, Marilu Corrêa, & Jardim, Vanda Maria da Rosa. (2016). Men's perception of the experience of parenting in adolescence: a bioecological perspective. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 37(1), e54692. Epub April 12, 2016.<https://dx.doi.org/10.1590/1983-1447.2016.01.54692>
- Cunico, S. D. & Arpini, D. M.. Não basta gerar, tem que participar?: um estudo sobre a ausência paterna. *Psicol. cienc. prof.* [online]. 2014, vol.34, n.1, pp. 226-241. ISSN 1414-9893. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932014000100016>.
- Espinoza Herrera, R. (2016). Una mirada al involucramiento paterno: participación de los hombres jefes de hogar de la Gran Área Metropolitana de Costa Rica en actividades de cuidado directo. *Estudios Demográficos y Urbanos*, 31 (2), 301-329.

- Finamori, Sabrina. (2015). Cuidado e consanguinidade na atribuição de responsabilidades intergeracionais. *Revista Brasileira de Ciência Política*, (18), 243-263. <https://dx.doi.org/10.1590/0103-335220151809>
- Freitas, M. T. de A. (2002). A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. *Cadernos de Pesquisa*, (116), 21-39. Acessado em 27 de Janeiro de 2015, from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742002000200002&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S0100-15742002000200002.
- Gabriel, M. R., & Dias, A. C. G. . (2011). Percepções sobre a paternidade: descrevendo a si mesmo e o próprio pai como pai. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 16(3), 253-261. Retrieved December 07, 2015, from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2011000300007&lng=en&tlng=pt
- Garcia, Sandra Maria (1998). Conhecer os Homens a Partir do gênero e para além do gênero. In Arilha, Margareth; Ridenti, Unbehaum, Sandra G & Medrado, Benedito (orgs). *Homens e Masculinidades: outras Palavras*.
- Giraldo Aguirre, Sebastián. (2015). Prácticas de paternidad de algunos varones gais de Ciudad de México. Entre tabúes y nuevas apuestas para su ejercicio. *Sociedad y Economía*, (29), 39-62. Recuperado em 16 de noviembre de 2017, de http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1657-63572015000200003&lng=es&tlng=.
- Gonçalves, T. R., Guimarães, L. E., Silva, M. da R., Lopes, R. de C. Sobreira, & Piccinini, C. A. .(2013). Experiência da paternidade aos três meses do bebê. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(3), 599-608. Retrieved January 11, 2016, from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722013000300020&lng=en&tlng=pt.
- Jablonski, B. (1997). Paternidade Hoje: uma metanálise. In Silveira, P. *Exercício da Paternidade* (pp. 121-129). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Jager, Márcia Elisa, & Dias, Ana Cristina Garcia. (2015). A Paternidade na Percepção de Adolescentes de Classes Populares. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 35(3), 694-710. <https://dx.doi.org/10.1590/1982-3703000382014>
- Macedo, R. S. (2012). Etnopesquisa Implicada, Currículo E Formação. *Espaço Do Currículo*, v.5, n.1 (pp.176-183).
- May, K. A. (1982). Three phases of father involvement in pregnancy. *Nursing Research*, 31, 337-342.
- Monteiro, M. K. , & Altamann, H. (2014). Homens na educação infantil: olhares de suspeita e tentativas de segregação. *Cadernos de Pesquisa*, 44(153), 720-741. Acessado 16 de junho de 2015, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742014000300012&lng=en&tlng=pt. 10.1590/198053142824.

- Moreira, Lisandra Espíndula, & Toneli, Maria Juracy Filgueiras. (2015). Abandono Afetivo: Afeto e Paternidade em Instâncias Jurídicas. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 35(4), 1257-1274. <https://dx.doi.org/10.1590/1982-3703001442013>
- Moreira, Martha Cristina Nunes, Gomes, Romeu, & Ribeiro, Claudia Regina. (2016). E agora o homem vem?! Estratégias de atenção à saúde dos homens. *Cadernos de Saúde Pública*, 32(4), e00060015. Epub May 10, 2016. <https://dx.doi.org/10.1590/0102-311X00060015>
- Oliveira, Milene Maria Saalfeld de, Branco, Jerônimo Costa, Souza, Luciano Dias de Mattos, Silva, Ricardo Azevedo da, Lara, Diogo Rizzato, Mota, Denise Marques, & Jansen, Karen. (2015). Paternidade na adolescência: prevalência e fatores associados em uma amostra comunitária de jovens. *Ciência & Saúde Coletiva*, 20(11), 3487-3494. <https://dx.doi.org/10.1590/1413-812320152011.20702014>
- Piccinini, C. A. , Silva, M. da R. , Gonçalves, T. R. , Lopes, R. S. , & Tudge, J. (2004). O envolvimento paterno durante a gestação. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3), 303-314. Retrieved January 13, 2016, from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722004000300003&lng=en&tlng=pt.
- Rêgo, Rita Maria Viana, Souza, Ângela Maria Alves e, Rocha, Tatiane Negrão Assis da, & Alves, Maria Dalva Santos. (2016). Paternidade e amamentação: mediação da enfermeira. *Acta Paulista de Enfermagem*, 29(4), 374-380. <https://dx.doi.org/10.1590/1982-0194201600052>
- Ribeiro, Cláudia Regina, Gomes, Romeu, & Moreira, Martha Cristina Nunes. (2015). A paternidade e a parentalidade como questões de saúde frente aos rearranjos de gênero. *Ciência & Saúde Coletiva*, 20(11), 3589-3598. <https://dx.doi.org/10.1590/1413-812320152011.19252014>
- Roudinesco, E. (2003). *A família em desordem* (A. Telles, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- Segovia, Jimena Silva, & Caro, Leyla Méndez. (2015). Ideales regulatorios sobre embarazo y maternidad en hombres y mujeres jóvenes del norte de Chile. *Sexualidad, Salud y Sociedad* (Rio de Janeiro), (21), 197-224. <https://dx.doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2015.21.11.a>
- Silva, Sergio Gomes da. (2006). A crise da masculinidade: uma crítica à identidade de gênero e à literatura masculinista. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 26(1), 118-131. Retrieved January 19, 2016, from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932006000100011&lng=en&tlng=pt
- Soares, Rachel Leite de Souza Ferreira, Christoffel, Marialda Moreira, Rodrigues, Elisa da Conceição, Machado, Maria Estela Diniz, & Cunha, Adriana Loureiro da. (2016). The meanings of caring for pre-term children in the vision of male parents. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 25(4), e1680015. Epub December 12, 2016. <https://dx.doi.org/10.1590/0104-07072016001680015>

- Spink, M. J. (2010). *Linguagem e produção de sentido no cotidiano: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais Press*.
- Sutter, C.; Bucher-Maluschke, J. S. N. F. (2008) Pais que cuidam dos filhos: a vivência masculina na paternidade participativa. *Psico*, Porto Alegre, v. 39, n. 1, p. 74-82.
- Veiga, Cynthia Greive. (2017). Crianças Pobres como Grupo Outsider e a Participação da Escola. *Educação & Realidade*, 42(4), 1239-1256.
<https://dx.doi.org/10.1590/2175-623664210>
- Vieira, E. N., & Souza, L. de. (2010). Guarda paterna e representações sociais de paternidade e maternidade. *Análise Psicológica*, 28(4), 581-596. Acessado em 18 de junho de 2015, de
http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312010000400003&lng=pt&tlng=pt.
- Vieira, M. L., Bossardi, C. N. , Gomes, L. B., Bolze, S. D. A., Crepaldi, M. A., & Piccinini, C. A. . (2014). Paternidade no Brasil: revisão sistemática de artigos empíricos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 66(2), 36-52. Acessado em 03 de agosto de 2016, de
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672014000200004&lng=pt&tlng=pt.
- Vygotsky, L. S. (1991). *A Formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes.
- Warpechowski, A., & Mosmann, C. (2012). A experiência da paternidade frente à separação conjugal: sentimentos e percepções. *Temas em Psicologia*, 20(1), 247-260.